



# *fortaleza antiga*

Narcélio Limaverde

Fortaleza - Ceará  
2008





**Idealização e produção:**

*Jornalista Fátima Abreu*

**Organização:**

*Instituto de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Estado do Ceará - INESP*

**Áudio:**

*Ronaldo Cesar*

**Fotografias:**

*Miguel Angelo de Azevedo(Nirez)*

*Deoclécio Castro*

*Secretaria do Turismo do Estado do Ceará*

**Capa:**

*Alessandro Muratore*

**Diagramação:**

*Deoclécio Castro*

**Revisão:**

*Vânia Rios*

## Ficha catalográfica

L732f Limaverde, Narcélio

fortaleza antiga/ Narcélio Limaverde. -  
Fortaleza: INESP, 2008.

102p.

1. Fortaleza, História. II. Ceará. Assembléia  
Legislativa. III. Título.





# Assembléia Legislativa do Estado do Ceará

Mesa Diretora:

Presidente - Domingos Filho (PMDB)

1º Vice-Presidente - Gony Arruda (PSDB)

2º Vice-Presidente - Francisco Caminha (PHS)

1º Secretário - José Albuquerque (PSB)

2º Secretário - Fernando Hugo (PSDB)

3º Secretário - Hermínio Resende (PSL)

4º Secretário - Osmar Baquit (PSDB)

1º Suplente - Sineval Roque (PSB)

2º Suplente - Ely Aguiar (PSDC)

3º Suplente - Ferreira Aragão (PDT)

Coordenadora de Comunicação - Silvia Goes

## Composição rádio

Diretora do Núcleo Rádio - jornalista Fátima Abreu

Coordenação de jornalismo - Lana Franklim

Coordenação de áudio - Ronaldo César

Coordenação de programação - Eugenio Stone





***Dep. Domingos Filho***

*Presidente da Assembléia Legislativa do  
Estado do Ceará*

Com certeza, não é saudosismo, é respeito à memória dos momentos que compõem a vida do cearense, notadamente, dos que nasceram, vivem e viveram na Capital. É preciso reunir os feitos, os costumes e, principalmente, a cultura dos nossos conterrâneos. Narcélio Limaverde foi o primeiro nome que veio à minha mente para fazer parte da equipe de profissionais da rádio FM Assembléia. E o ouvinte já conhece as razões que nos moveram para tanto.

A responsabilidade de sermos a primeira emissora a operar em frequência modulada de um legislativo estadual nos impulsiona a buscar o profissional que mais tem sintonia com a informação e com o público ouvinte. As crônicas de Narcélio Limaverde fazem parte da grade diária do programa que leva o seu nome. As palavras não poderiam continuar soltas, sem o alcance daqueles que não sintonizam a 96,7 e nos ajudam a fazer uma rádio séria.

E agora, mais uma vez, com o olhar de crédito na nossa mídia, entregamos a você leitor, ouvinte diário de Narcélio Limaverde, esta pequena mostra dos seus escritos.

***Dep. Domingos Filho***

*Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará*





**Fátima Abreu**

*Diretora do Núcleo de Rádio da  
Assembléia Legislativa*

Quando fui convidada a dirigir a rádio FM Assembléia 96,7 apostei no rádio que acredito: leal ao fato e ao ouvinte. Ao elaborar a grade da emissora projetei com muito carinho e com a experiência de mais de 20 anos de rádio, o programa Narcélio Limaverde. A escolha do nome se deve ao respeito que eu tenho pelo comunicador, que é reverenciado, não pelo tempo em que está no ar (54 anos), mas, sobretudo, pelo respeito que ele tem pela mídia rádio.

Narcélio Limaverde é uma pessoa fácil de lidar. No início colega e, agora, um amigo, que ama o que eu também aprendi a amar: o rádio, esse veículo de comunicação que sobrevive a toda inovação tecnológica.

Estou aqui como produtora também do livro de Narcélio Limaverde, apresentando as crônicas lidas na abertura do programa que vai ao ar de segunda a sexta das 7h30min às 9h, antecedendo às sessões plenárias. O programa do comunicador é mais um desafio diário que nos une no desejo de fazer do rádio a melhor mídia.

**Fátima Abreu**

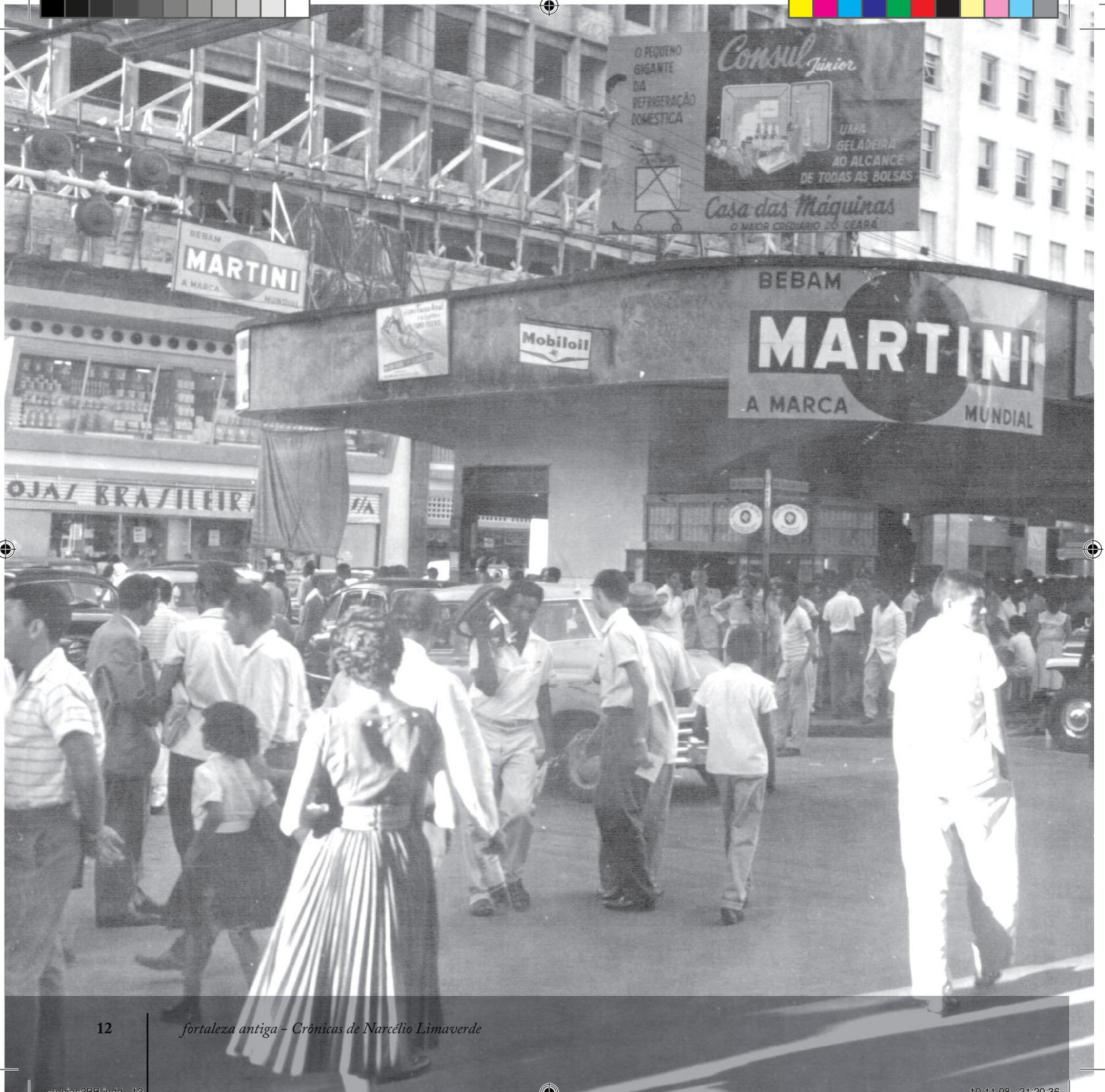
*Diretora de Núcleo de Rádio da Assembléia Legislativa*





## Sumário

Telefone	13		
Carnavais	15		
Vaia	17		
Merenda	19		
Causos	21		
Pirâmides	23		
Vigorelli	25		
Bro	27		
Leituras	29		
Imperador	31		
Datilografia	35		
Aequitas	37		
Boré	39		
Cinema	41		
Boca-A-Boca	45		
Delivery	47		
Pio	50		
Jacarecanga	51		
Eucarística	52		
Lendas	53		
Kennedy	56		
Namorados	57		
Veículos	59		
Eleição	61		
Almas	62		
		Mazine	63
		Lembranças	65
		Memória	67
		Rádio	69
		Fujita	71
		Jornalismo	72
		Pangaio	73
		Ambulância	75
		Quermesses	77
		Embarque	77
		Ancião	79
		Morcegar	81
		Diogo	83
		Saúde	85
		Barulho	87
		Casa	89
		Costumes	91
		Marinha	95





## Telefone

O telefone de minha casa tocou, eu corri até o aparelho, aquele preto, pregado na parede, e atendi. Quando a gente discava e não clicava como hoje. A voz melodiosa do speaker da Pré-9, Paulo Cabral de Araújo, fez-se ouvir: “Olá, como se sente, reumatismo, rins doentes?”

A resposta estava na ponta da língua: tomo Urodonal e vivo contente. Tinha recebido a lição para no momento da ligação ganhar o prêmio. Paulo continuou: “Você acaba de ganhar 50 cruzeiros”. Foi uma festa.

No dia seguinte, bem cedo, fui à Casa Dummar e lá recebi das mãos de João Dummar, o proprietário, idealizador e implantador da Pré-9, a cédula de cinquenta cruzeiros, que nunca tinha visto em minha vida. Fiquei rico com aquele prêmio: só Urodonal. A Casa Dummar onde recebi os cinquenta era na Rua Major Facundo, bem perto da Relojoaria e Ótica a Hora Certa, de Ernesto S. Balreira, como dizia o reclame sempre ao meio dia anunciando a hora.



Foi o meu primeiro relógio de marca Polono, a corda, e tinha até ponteiro de segundos. A partir daí peguei a mania de olhar sempre as horas com o relógio no braço direito, imitando o João Ramos, o artista, locutor, speaker e ator da rádio.

É bom dizer que, certa vez, arranjei uma namorada na Rua Princesa Isabel. Nesse tempo eu já era do rádio. O irmão dela, como a maioria dos irmãos, não apreciava esse tipo de profissão. Eu ia chegando em casa na Rua Clarindo de Queiroz, quando o mano da garota veio em minha direção. Fiquei pensando num problema mais sério. Ele apenas me disse: “Gostava muito de você até quando você começou a usar relógio no braço direito”. Não dei confiança.

Essa história do telefone que relembro aqui é para mostrar como eram inocentes aqueles tempos. Ninguém era tão aperreado com telefonemas oferecendo os mais variados produtos. Trote realmente aconteciam, mas eram bem inocentes. Daquele tipo que um dia contei aqui. O cara perguntava se esqueleto na chuva constipava e outras perguntas mais bestas. Como aquela para o português da padaria nordestina: o senhor tem sardinha em lata? Tenho sim senhore, respondeu o luso. O brincalhão “solte as bichinhas.” Hoje a gente tem é medo quando ouve a chamada do telefone. Pode ser até um preso falando diretamente do presídio para ameaçar e falar até em sequestro. Por isso é que quando perguntam: De onde falam? Respondo: Do lugar para donde o senhor(a) ligou. E concluo com um sonoro Adeus, ou como Virgílio Távora: PT, saudações.



## Carnavais

Temos falado muito nas músicas dos carnavais cariocas, pernambucanos, que chegavam por aqui ainda no ano anterior, por volta de outubro e até setembro.

É bom, no entanto, que se diga havia também as músicas dos compositores cearenses. E eram músicas alegres, de letras fáceis e bem feitas.

Luiz Assunção, por exemplo, no final da guerra, saiu com sua Escola de Samba, cantando: “Ao raiar da madrugada, coberta de luz e de glória, ao som da última granada, surgiu a nossa vitória...” Foi um sucesso tremendo no curso carnavalesco. Depois foi que ele compôs a imortal Praia de Iracema: “Adeus, adeus, só nome ficou, adeus praia de Iracema, praia dos romances que o mar carregou”.

Lauro Maia que precedeu Luiz na Escola de Samba com seu nome, também apareceu com o “Deus me perdoe, mas levar essa vida que eu levo é melhor morrer”.

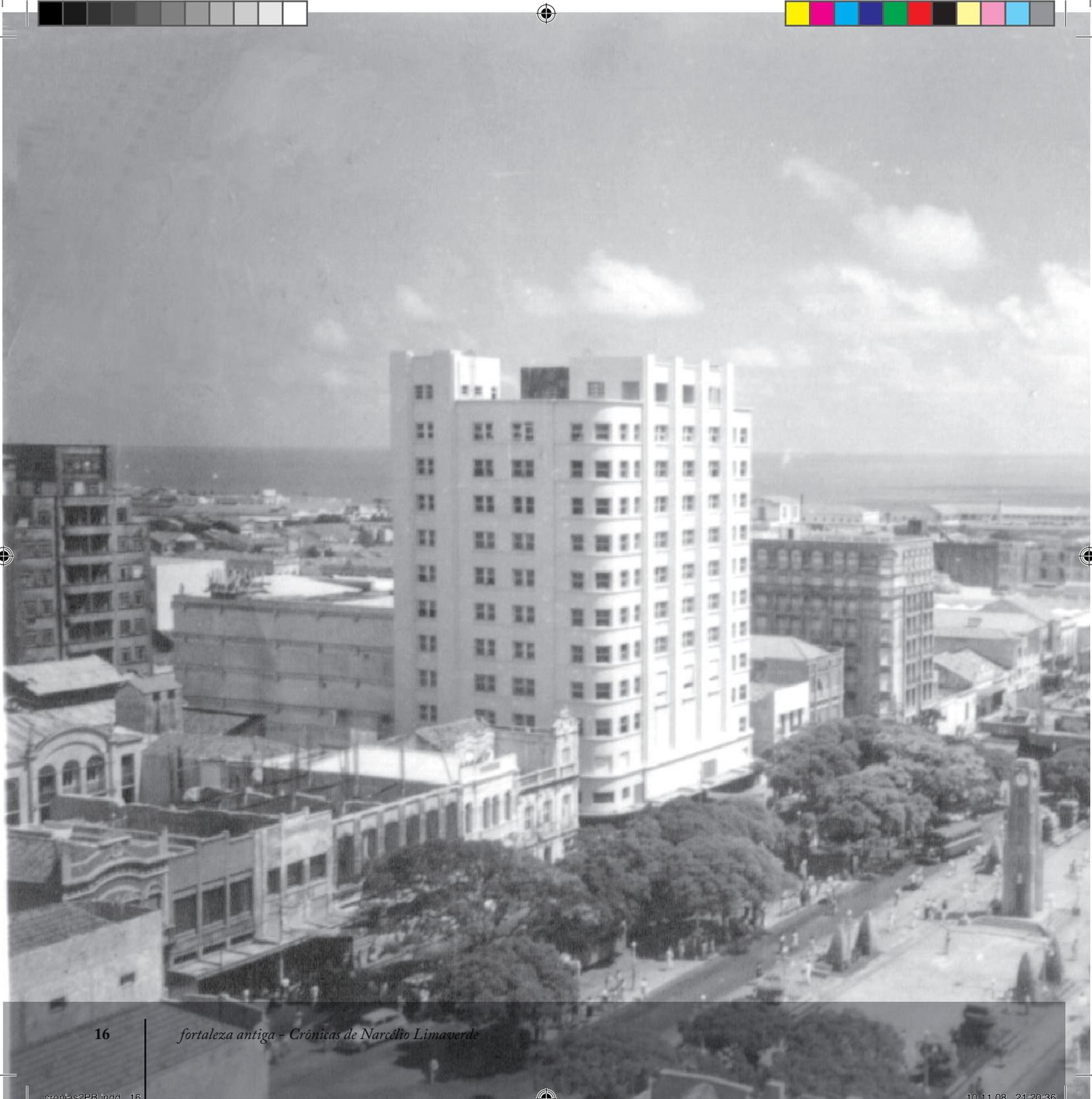
As críticas aos problemas da cidade apareceram também. Irapuan Lima, um radiologista que deixou saudades, alegre e cheio de lealdade, acompanhou de perto as crises de energia elétrica em Fortaleza.

De vez em quando faltava luz, os bondes paravam, os cinemas deixavam de exhibir os filmes, os expectadores gritavam senha, senha, e, nas casas os problemas eram também imensos. Mas o Irapuan abordou o tema por outro aspecto.

A marchinha Serviluz, gravada por José Lisboa (soube que ele está numa emissora FM, aqui mesmo), dizia: “Falta de luz é bom pra namorar. E dito isto nem é bom falar. A usina lá do Mucuripe todo mês tem gripe...” Não consegui esta gravação do Zé Lisboa que, ainda hoje, é sucesso. Outra marchinha do Irapuan Lima falava nas anáguas das mulheres. Anágua era uma saiotá, cheia de goma para armar as saias dos brotos. E o Irapuan interpretou assim: “Você é boa demais, pra que anágua pra que? Anágua é pra quem não é assim boa como você.”

É o que sempre digo: o carnaval do passado era alegre, animado mesmo. Tinha suas músicas pobres, não somente as que vinham do Rio e do vizinho Pernambuco, mas aqui mesmo, os nossos compositores faziam a festa. (Será que a gente vai conseguir “Serviluz”? Zé Lisboa deve ter essa gravação).







## Vaia

Quem conta com muita categoria o dia em que o cearense vaiou o sol em plena Praça do Ferreira é o escritor e pesquisador Gilmar Carvalho. Já disse aqui que esta história é tão veiculada e muitos, ainda jovens e que não alcançaram a época, falam como se estivessem participado dela.

Um ano choveu muito em Fortaleza. Foram três dias e três noites de chuva intensa e generosa. Chuva, é bom que se diga, nunca mais aconteceu por aqui. E agradecemos a Deus por isso, pois o pé d'água que caiu naquele dia provocaria uma inundação imensa na cidade.

Pois bem, o aguaceiro foi tremendo, impedindo até que a frequência na Praça do Ferreira fosse como nos dias comuns. Até que à tarde, perto das 4 horas, a chuva amainou e o sol encabulado começou a surgir por entre as nuvens que, aos poucos, iam desaparecendo.

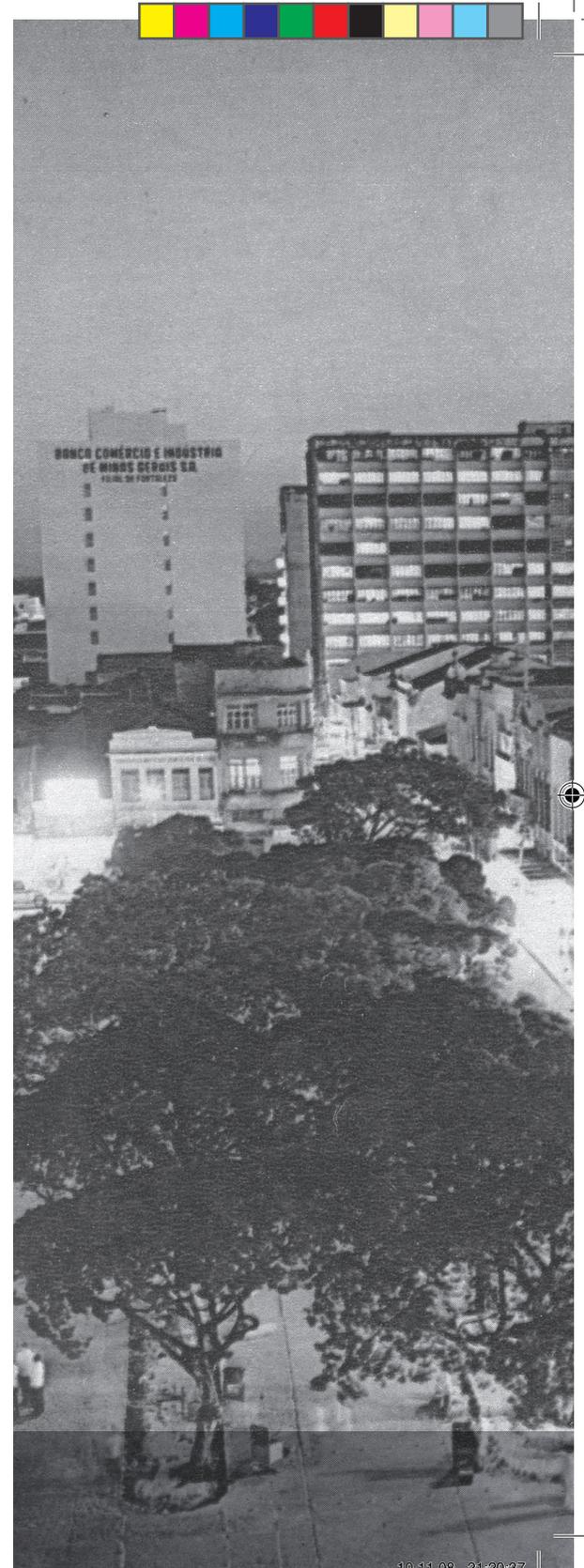


Nesse momento, já acontecia uma maior movimentação no Centro e ali defronte ao Cine Majestic, a Farmácia Pasteur, a Empresa Luiz Severiano Ribeiro e o prédio do São Luiz em construção, alguns dos mais assíduos frequentadores iniciaram a sonora e histórica vaia ao sol. Foi aquela vaia típica do cearense entremeada, assessorada por gritos e assobios ensurdecadores. O episódio ficou na história principalmente por não ser aquelas costumeiras lendas urbanas tão faladas na cidade.

Eu já disse que na Praça do Ferreira começava e terminava tudo, inclusive namoros, noivados e promessas de casamento. Já há pessoas mais jovens, é claro, porque os mais antigos sabem muito bem onde era a famosa Esquina do Pecado. Esse famoso local da Praça do Ferreira ficava justamente na esquina da Major Facundo com Guilherme Rocha, próximo ao trecho que tentaram apelidar de Rua do Ouvidor, imitando o Rio de Janeiro, mas não pegou de jeito nenhum.

Uma de minhas netas, a Luciana, certo dia achando engraçada a denominação perguntou o porquê da Esquina do Pecado. Expliquei que era um local onde havia uma ventania muito forte, um verdadeiro redemoinho que levantava as saias das moças que desfilavam pelo local, principalmente as estudantes dos colégios, na época ginásios mais próximos como o Imaculada, a Escola Normal, o Lourenço Filho e um pouco mais distante, o São João.

Os jovens curiosos e numa época de dificuldade para ver determinadas cousas, ficavam ali aguardando o vento e, obviamente, as jovens. Ensinaram inclusive que assobiar chamava o redemoinho. O barulho era tremendo no local. Havia apenas um porém. É que as saias das alunas do Lourenço Filho e São João não levantavam.





## Merenda

Na Praça do Ferreira, as melhores merendas a partir do pega-pinto do Mundico, com o inseparável sanduíche Cai Duro, que era uma pasta de carne temperada com muito molho de pimenta. E o funcionário do Mundico gritava orgulhosamente: “Sai um copo de pega-pinto frapê e um sanduíche de filé”. Frapê significava que a garapa não era gelada nem natural, ficava na coluna do meio. A sorveteria Odeon era outro local bastante freqüentado. Os que podiam, pediam logo Sunday de ameixa, enquanto que a plebe ignara, a pobreza propriamente dita, ficava satisfeita com qualquer creme de cajá e outras frutas, ou então optava pelo vizinho Leão do Sul, com muitos alimentos regionais.

No lado leste o Jangadeiro, uma sorveteria e restaurante de alta categoria, comandado por Luiz Frota Passos. Mais adiante onde hoje fica a Caixa Econômica Federal, que, graças a Deus, manteve as linhas do bonito prédio ex Rotisserie, e república de rapazes solteiros, a me-



rendinha do Quezado, que alguns anos depois foi Juiz do Trabalho. Nesse local os pastéis de carne ou de queijo eram servidos ainda quentes e a freguesia ficava encostando o alimento no enorme ventilador para ver se ele esfriava um pouco mais. Assessorando o pastel um gostoso caldo de cana, misturado com limão. Diziam naquele tempo que quem tivesse alguma doença do mundo incubada, bebendo caldo de cana ela estourava.

A sorveteria Eldorado era outro ponto de destaque para as merendas. Era onde o pessoal da Aldeota fazia suas reuniões olhando ao longe a pobreza dos bairros mais distantes, sem se misturar... Nós da Rua do Imperador ficávamos na sorveteria Odeon, Leão do Sul e na garapeira do Quezado e com a inauguração do Abrigo Central preferíamos o mais popular que era o Pedão da Bananada.

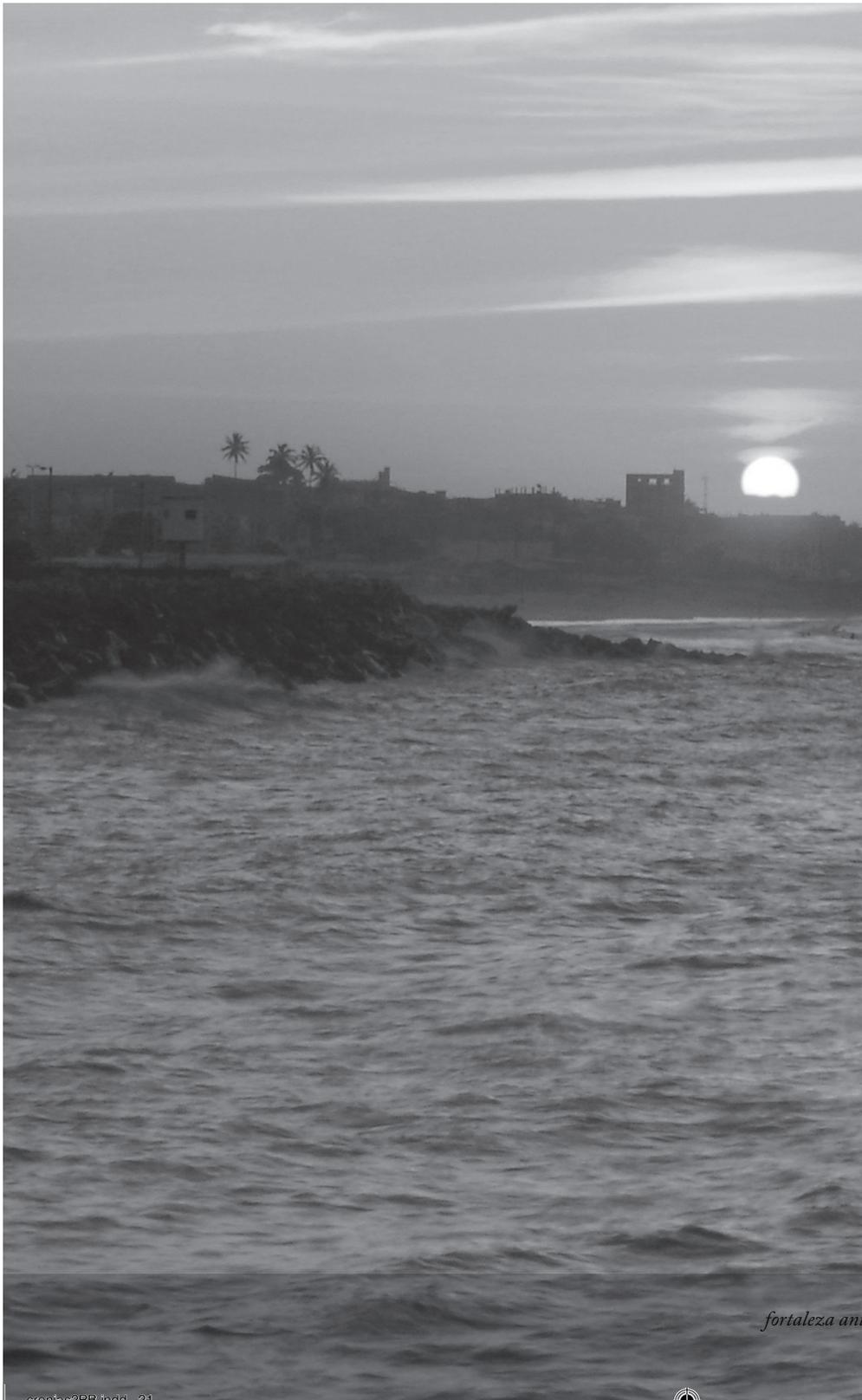
O Cine Moderno, era um lugar onde os frequentadores entravam olhando os que chegavam primeiro, como se fossem artistas saindo da tela. Era lá onde as estudantes gazeavam as aulas. Mais adiante, do lado oeste, o Majestic, com uma bela sala de espera. Ali, imensos espelhos conferiam a beleza dos frequentadores. Algum tempo depois ganhou outra entrada, pelo quarteirão sucesso da Barão do Rio Branco. O acesso à torrinhã, ou geral, era por lá, sob a vigilância do Inspetor

Apolinário, valente e exigente integrante da Polícia Especial, com seu quepe vermelho fiscalizando o canelau que, obrigatoriamente, deixava seus tamancos ao lado da bilheteria, pois quando a projeção demorava eles representavam um barulho ensurdecador incomodando os outros frequentadores, presumidamente mais educados.

No Majestic também havia teatro. Lembro bem dos Pícoli de Podreco, bonecos que vi pela primeira vez na vida. Anteriormente fora sucesso ali o transformista Fátima Mires. Dizia meu pai que essa ou esse artista cada vez que vinha ao palco estava com um vestido novo cada qual o mais bonito. Seu nome passou a apelidar os vaidosos e vaidosas que mudavam muito de roupa. “Parece a Fátima Mires”, diziam, conforme meu pai.

Foi no Majestic que aconteceu um dos episódios mais engraçados em se tratando de salas de projeção, já acontecido em Fortaleza. Foi com um expectador, cinéfilo contumaz. Ele ia a todos os filmes, cronometrava tudo, e, num momento mais triste ele caía na gargalhada, o que obrigava a intervenção do Inspetor Apolinário. Em outras oportunidades ele ficava contando o filme: “Esse aí, apontado o artista, morre antes do fim”... Reclamações gerais. Ele uma vez decorou as cenas do filme Maria Antonieta, papel vivido pela bela Maria Félix. Esta história fica pra depois.





## Causos

Fortaleza é uma cidade cheia de causos e coisas... Eu mesmo conto alguns, em sua maioria, verdadeiros. Mas há também as chamadas lendas urbanas da cidade. Uma delas tomei conhecimento quando vi uma garota cearense participando desse programa de poderosa cadeia de emissora de televisão, onde ficam homens e mulheres trancados e sendo brechados pelo povo em geral, que paga bem por isso.

A garota disse para todo o Brasil que, na Praia do Pirambu, os banhistas se chocavam com corpos humanos em decomposição. Para nós naquela praia tinha era outra coisa muito mais mal cheirosa... Criticando na rádio a declaração da garota recebi telefonema de seu pai (todo mundo aqui me conhece) e textualmente: “ O que ela contou foi uma lenda urbana da cidade”.

Houve o caso da Santa Ozita que fazia milagres no São João



do Tauape e que atraiu milhares de desejosos de uma cura, nem sempre acontecida. Concorria com o padre Antônio, de Urucânia, Minas Gerais. E quem esquece o Cão da Itaoca, uma assombração que aparecia no bairro e que quebrava telhas, jogava pedras nas vidraças, fazia a maior confusão do mundo? Poderia ser uma lenda urbana, mas alguns anos depois foi divulgado que era um desafo de vizinhos contra casal amigado ( não casado ), num tempo que isso não era aceito de jeito nenhum, como o caso daquele doutor que foi impedido de entrar no clube elegante, pois sua companheira era uma amante e não a mulher que ele recebera como esposa no cartório e aos pés do padre.

São centenas, milhares de causos e coisas desta nossa cidade. Como o ocorrido com jovem cearense no Rio de Janeiro. Ele foi atraído por linda loura, e, crente que estava abafando caiu na cantada. Resultado: perdeu todo o dinheiro e até a roupa, além de outros “agrados” impublicáveis... Era quando todos se conheciam nesta cidade. E assim, quando o jovem passava na esquina do pecado todos apontavam... foi aquele ali o da história da loura no Rio de Janeiro. O tempo é pouco para falar em tantos causos e coisas acontecidos por aqui. Um dia a gente volta....





## Pirâmides

Quando os assuntos ficam mais escassos recorro ao jornal O POVO, e a seção Um Dia como Hoje me transporta ao passado fornecendo-me munição para alguns dias de conversa com os ouvintes da FM Assembléia. Outro dia, o enfoque foi sobre as Pirâmides que se formavam na cidade no tempo da Segunda Grande Guerra Mundial.

Foi uma movimentação que se dizia patriótica para arrecadar metais, ferro, aço e outros para o esforço de guerra, ou seja, os donativos seriam enviados para o sul onde seriam transformados em armas para combater aquilo que chamavam de “bandidos do Eixo”: Alemanha, Itália e Japão. E todo mundo acreditava que era assim mesmo.

A movimentação foi grande e desde cedo nós visitávamos as casas à procura de ferro velho para essas pirâmides que eram instaladas no meio da rua, iden-



tificada por uma bandeira nacional. Durante alguns dias aconteciam a coleta para num domingo suceder a entrega, após discursos patrióticos dos intelectuais Marijeso Benevides, Artur Eduardo Benevides e, no caso da pirâmide, Marcílio Dias (sempre tinha o nome de um herói brasileiro). Meu pai, Limaverde, declamava a poesia Pátria, de Hemetério Cabrinha, um texto ufanista bem próprio daquele tempo, quando todos obrigatoriamente aprendiam o Hino Nacional Brasileiro, desde o começo ao fim, incluindo o “deitado eternamente em berço esplêndido” que agora um prefeito de município de nome esquisito de São Paulo quer mudar para “abençoado eternamente em berço esplêndido”.

Os estudantes do meu tempo sabiam de cor e salteado o Hino Nacional e não ficavam como os jogadores de futebol somente movimentando os lábios sem sair qualquer som. As pirâmides sem dúvida foram momentos relevantes do patriotismo do cearense.



## Vigorelli

Fui pesquisar de novo no Um Dia como Hoje, do jornal O POVO. Encontrei a divulgação de Grande Show que aconteceu na Praça José de Alencar que, por ser uma das maiores da cidade, era o cenário ideal para os shows.

E diz a informação: “Alcançou grande sucesso o Show Vigorelli” (era uma marca de máquina de costura) realizado na praça José de Alencar, para onde se deslocou incomputável massa humana. Artistas de renome nacional como Gregório Barrios, Adelaide Chiozzo, Xerém e Bentinho. Os aplausos foram entusiásticos.

E quem do meu tempo não se apaixonou por Adelaide Chiozzo, mesmo vigiados de perto pelo marido, o violonista Carlos Matos. Adelaide era artista do rádio e também do cinema. Ela aparecia nos filmes da Atlântida como Carnaval no Fogo. Xerém e Bentinho era uma dupla sertaneja do mesmo estilo de Alvarenga e Ranchinho, outro grande sucesso.

Pois foi assim: enquanto os homens olhavam para Adelaide Chiozzo as mulheres ficavam arriadas os quatro pneus fora a subcelência (ditado da época) por Gregório Barrios, de boca torta (elas achavam lindo o que poderia ser um defeito) cantando “Quizas, quizas, quizas “: “Siempre que te pregunto que quando, como e onde... tu siempre mi respondes: Quizas, quizas quizas”...

Uma das garotas, um broto tipo violão apaixonou-se pelo cantor e não perdia suas apresentações. Frequentava praças, clubes e auditórios da Prenove e Rádio Iracema. Não posso dizer seu nome. Questão de ética. O Show Vigorelli foi um grande acontecimento artístico na cidade comandado por Irapuan Lima,





um dos mais populares radialistas de todos os tempos em Fortaleza.  
Um dia falarei sobre o show de Vicente Celestino, conhecido como  
a voz orgulho do Brasil.





## BRO

Quando chega setembro e começa os meses do BR-O-BRO o ano corre e logo chega dezembro, Natal. Natal para nós era a Festa da Imprensa, a Feira de Amostras, o Parque Shangai, todos apresentando shows com artistas nacionais e internacionais.

Houve um ano que esteve por aqui o Balé de Sérgio Maia, que era um conjunto de dançarinos homens e mulheres. Nessa época apareceu Jean Grand, um transformista, nome bonito para identificar um homossexual, por sinal um grande artista.

Ele aparecia e o apresentador dizia: “Será ele, Será ela? “ Lá de trás, uma noite, ouviu-se a voz do cearense moleque: “ É não. É o Zétatá...” A gargalhada foi geral. Jean Grand como não conhecia o famoso ZéTatá ficou com cara de Zé.

Artistas que criaram moda como aconteceu com Mário e Conchita Mascarenhas, dois acordeonistas e professores. No dia seguinte toda moça queria aprender a tocar sanfona. Mas o mês de dezembro trazia também um espetáculo mais sério, o Pastoril da Irmã Breves. A Irmã Margarida Breves era superiora do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, da Rua do Imperador, 1360. A opereta Pastoril era encenada somente por mulheres do Patronato e convidadas como minha irmã Reine, que vivia a galega.

No palco: pastores; pastoras; casal de negros e de galegos; a Virgem Maria; São José; Herodes; Rebeca sua mulher que chorava muito no dia da matança dos inocentes. E até o cão com sapatos de bico fino dando saltos enormes assustando as crianças e insultando com o Menino Jesus.

A chegada da Família Sagrada era momento de muita emoção. Num jumentinho a Virgem, São José, o boneco, vivendo Jesus. O jumento era logo identificado como pertencendo ao seu Antônio, verdureiro.





Numa época de poucos órgãos de comunicação social você certamente desejará saber como é que a cidade inteira comparecia ao Patronato para assistir o Pastoril, sem uma maior divulgação. A cidade era pequena e todo mundo sabia que no mês de dezembro, a partir do dia 10 e até 06 de janeiro, Dia de Reis, acontecia esse drama em Fortaleza.

Além de tudo isso, a Irmã Breves mandava colocar no quintal da casa do Seu Gambetá, próspero comerciante da Imperador, uma imensa estrela iluminada como chamamento ao povo para que comparecesse. Era um local privilegiado, pois era visto por passageiros de ônibus e bondes que transitavam no local. O apelo era forte e atendido.

A estrela do Patronato lá mesmo confeccionada foi precursora desses grandes outdoors existentes em todos os cantos da cidade. Uma multidão incrível comparecia e aplaudia entusiasticamente os momentos mais vibrantes da peça ensaiada por dona Maria.

José Picanço, com ajuda da Irmã Superiora, senhora Regina Picanço, e dos Limaverde. A primeira pastora, vivida por Jarina, uma jovem muito bonita aparecia numa dança do fogo impressionante. Corríamos o risco até de considerá-la sensual.

Na cena em que Herodes mandava matar todas as crianças para ver se atingiria Jesus, eram instantes de muita tristeza e até choro.

Na noite de Natal o espetáculo terminava um pouco antes da meia noite para que todos pudessem comparecer à Missa do Galo na Igreja de São Benedito, dos padres sacramentinos. E tudo ficava concluído depois da missa, com a meninada indo pra casa. Iam esperar Papai Noel. E as mães não esqueciam como em minha casa, de colocar uma cadeira ao lado da cama, para que os presentes não ficassem molhados de xixi.

Os natais eram repetitivos em Fortaleza. Quermesse, Festa da Imprensa, Feira de Amostras, Parque Shangai e o Pastoril da Irmã Breves, mas eram tranqüilos. No tempo em que nossa cidade era ingênua não oferecendo perigo algum para nós seus moradores.





## Leituras

A leitura é muito importante. Bons autores, literatura de alta categoria e até os escritos mais leves, os jornais, as revistas. Sempre soube e propaguei que as pessoas que lêem, como profissão, no caso de nós radialistas e os linotipistas, dos jornais do passado, passando para o chumbo todas as matérias, redigiam com mais facilidade. Gosto de ler, acompanhar tudo que acontece embora me sinta mais à vontade lendo os textos mais fáceis, menos eruditos, trabalho de jornalistas.

No tempo de menino “véio” de calças curtas, recordo o Tesouro da Juventude, uma coleção de produções interessantes e úteis. As obras de José de Alencar, Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Jorge Amado e até os autores proibidos como Júlio Dantas, da Ceia dos Cardeais, eram “devorados” pela garotada.

Dá até para lembrar quando satisfiz minha curiosidade lendo “A Nossa Vida Sexual”, de um médico, se a memória ajuda, Dr. Fritz Kahn. Numa época em que tudo era proibido esse livro, quando apareceu na Rua do Imperador, tirou muitas dúvidas. Os almanaques de Capivarol, Bristol eram disputadíssimos. Traziam curiosidades e anedotas bestas, para os mais sabidos e engraçados para nós, inocentes, ingênuos. Até a História do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que acompanhava o vidro do Biotônico Fontoura foi lida por nós.

Na época da guerra era a Seleções Reader’s Digest, com artigos que traziam novidades, curiosidades, Meu Tipo Inesquecível e a seção de livros trazendo condensação de uma obra importante. Todo mundo lia a Seleções que era autora citada, para comprovar temas desconhecido dos demais: “Li na Seleções”, dizíamos com ar triunfante, como se fosse uma verdade definitiva, nunca mentira ou fantasia. Estava na Seleções e pronto...

O livreto que acompanhava o Biotônico Fontoura era leitura obrigatória, além de influir para que tomássemos o remédio, acabar com os vermes e





lombrigas, ficar forte e taludo, falava na televisão até então desconhecida no Brasil. Jeca Tatu, o herói criado por Monteiro Lobato, vocês devem lembrar, ficou rico, tinha carro e até um receptor de TV. E isso muito antes daquela exibição de TV em circuito fechado promovido pela Perrenove, instalando receptores nas marquises do Edifício Pajeú e da Prefeitura. Foi o dia dos programas “Vendo e Ouvindo”. O sucesso motivou a venda de ações que proporcionou aos associados a aquisição de transmissor de TV, o qual foi instalado na Estância, hoje Dionísio Torres, a TV Ceará, Canal 2, identificada pelo curumim.

E eu que vinha falando em revistas, em leituras, mudei para televisão. Estou retornando falando nas revistas Careta, Noite Ilustrada, Vida Doméstica, Alterosa, a Cancha, editada em Fortaleza, com Miguel Sales, Hermano Justa, Aliatar Bezerra. Não penso que esqueci da Scena Muda, escrito com um “s” antes do C, falando em cinema, no écran ou na sétima arte, como diziam.

A revista Cruzeiro é até mais recente. Era tão importante que servia como referência para os que chegavam do Rio, no avião da Panair que descia no Pinto Martins, ainda com acesso pela Rua 15 de novembro, do Montese. Quando o viajante chegava à estação de Passageiros já ouvia a pergunta: “Trouxe a Cruzeiro?”.

Houve até o caso do delegado que prendeu um inocente e o fato foi divulgado na revista dando repercussão nacional ao lamentável erro. O delegado ficou orgulhoso e andava com a revista pra cima e pra baixo debaixo do braço e exibindo para todos, como se fosse uma honra para ele. Foi assunto durante muitos dias no Abrigo Central e nas barbearias do Chico Budu e dos barbeiros José Rodrigues e Elizeu Honorato de Souza. Sair na Cruzeiro era status, mesmo que fosse falando de mal, como o ocorrido com o delegado.





## Imperador

O dia-a-dia me dá idéias para esta conversa que temos todos os dias antes dos assuntos mais importantes, dizendo melhor, mais sérios, que ocorrem diariamente no Poder Legislativo e que, daqui a pouco, vamos relatar. Sou freqüentador assíduo da missa dominical na Igreja das Irmãs Missionárias, na Avenida Rui Barbosa. E cumpro meu dever de católico do tempo da missa em latim, do Introibo Ad Altare Dei, colaborando, lendo uma das leituras do ritual.

Ontem, uma senhora veio até onde eu me encontrava e disse pra minha mulher: “Eu morava na Rua do Imperador e confeccionei o bolo do primeiro aniversário dele”, apontando pra mim. Respondi apenas que faz muito tempo e bote tempo nisso.

A Rua do Imperador dá muitas e agradáveis recordações como a Escola de Datilografia do Seu Quincas, a bodega do Seu Gambetá, que certamente vai merecer uma conversa inteira, do seu Nelson Damasceno. Ele era fabricante do Tó Diogo, uma fábrica que funcionava na esquina da Duque de Caxias. Naquele tempo fabricante era o empregado de qualquer indústria.

Seu Nelson era um entusiasta pelos estudos. Fez o Curso Elefante, entrou na faculdade de Direito e tornou-se advogado atuante. Mas, para se fazer conhecer como tal colocou uma placa na porta de sua casa “Nelson Damasceno –advogado”. Foi comandante de uma família de valor nesta cidade, sendo seus filhos Jeová, Nelson Filho, Edgar, Newton e Margarida. Ele sempre almoçava às dez e meia e sabíamos da hora porque a sirene da fábrica tocava e ele vinha de lá até sua casa de número 1049. O seu Nelson, ou o doutor Nelson foi um exemplo de força de vontade e de amor aos estudos.

O outro episódio aconteceu no domingo. Tentando fugir das gra-









ças sem graça dos programas de televisão fui até a uma locadora de filmes aqui perto. Estava procurando o filme Maria Antonieta, quem sabe, lembrando aquele episódio do expectador do Majestic, que cronometrou o caminho dela para o cadafalso gritou seu nome, ela olhou e ele “não é nada não, pode ir”.

Não gosto de filme premiado principalmente porque a gente é obrigada a dizer que ele foi bom. Prefiro assistir ou repetir os espetáculos que passavam no Cine Centro. Por isso não aceitei o oferecimento de uma versão mais moderna da história da rainha da França. A jovem atendente disse que realmente tem outra versão, mais antiga. Acionou o computador e atendeu minha pergunta: “Esta aqui é com Tirone (com Ti) Pover”. Para mim a garota cometeu um erro crasso e se fosse nos velhos tempos servia de mangação para a garotada da rua. Como no dia em que o João do Capitão convidou para o filme: “Quatro moças num jeep”, foi assim que ele disse. Sem ofensa, ela não é obrigada a pronunciar corretamente as palavras inglesas, consertei e no meu inglês de ex-aluno do IBEU, corrigi: “Deve ser Tairone Pauell (Tyrone Power) e a artista Norma Shearer”. E disse que esse artista era motivo de paixão para as moças da Rua do Imperador. Tinha um bigodinho e fazia as mulheres chorarem principalmente no filme “Sangue e Areia”, interpretando um toureiro morrendo no final, antes de aparecer a palavra The End, traduzido por nós por FIM.

Aqui está a resposta àqueles que me perguntam onde encontrar tantos temas para falar aqui todos os dias. É simples, estou respondendo, a vida vai ensinando. Um encontro fortuito pode me dar munição para várias crônicas como essa que vocês ouviram. Sempre haverá uma história ou estória interessante lembrando Fortaleza de alguns muitos anos atrás...





## Datilografia

A FM Assembléia está completando duas semanas de inauguração (06.11.2008) e já mostra a que veio. Muitas pessoas falam sobre a competência de sua equipe de produção, comandada por Fátima Abreu, com supervisão de Silvia Goes, jornalistas experientes e por isso mesmo competentes. Mas há quem fale na minha memória nestes comentários diários sobre Fortaleza, costumes, causos e coisas...

E já estou explicando o assunto de hoje. Lendo o jornal do leitor, que circula com O POVO, uma feliz e criativa iniciativa de José Raimundo Costa, uma legenda da imprensa, encontrei artigo do jovem Hezaul Heros Martins, estudante da sétima série do Colégio professora Alice do Carmo Silveira, de São Benedito, interior do Ceará, falando na máquina de datilografia e sua surpresa ao chegar em casa e se deparar com objeto tão estranho.

Realmente muitos dos adolescentes de hoje nunca viram uma máquina de datilografia. Imediatamente transporte-me à Rua do Imperador, anos 40 ou 50, não lembro bem. O quarteirão onde eu morava, casa azul de número 1055, estava se preparando para uma grande festa educativa. É que o seu Quincas, vizinho parede e meia de minha casa, anunciou que iria instalar uma escola de datilografia. Todos se prepararam para a festa e certamente para a matrícula no que consideravam uma feliz iniciativa de Joaquim Bessa Pereira ( Seu Quincas) funcionário do Pedro Philomeno e que arranjava um faturamento extra ensinando aquela arte de escrever numa máquina.

Na sala, quatro máquinas, duas Royal e duas Underwood, aguardando os alunos. Notei que o teclado era coberto e, curiosamente, perguntei por que. O professor com ar solene explicou que quem aprendia datilografia teria de escrever com os dez dedos sem olhar para o teclado. Comecei nessa escola a minha estória de datilógrafo que hoje





me serve e muito para usar o computador, como faço neste instante, com uma velocidade que ainda surpreende os que acompanham.

Comecei naquela casa da Rua do Imperador e continuei alguns anos depois na Escola Royal, da dona Carminha, no Beco dos Pocinhos, vizinho ao estabelecimento comercial de Pedro Américo e defronte onde alguns anos depois seria o edifício Seguradora. Continuei os exercícios asdfg – poiuy, notando que as máquinas eram idênticas pois o cedilha estava lá em cima ao lado dos números. Alguns anos depois é que ele ganhou um lugar ao lado das demais letras, fazendo com que o exercício ganhasse nova feição ou –çlkjh.

Essa qualidade de bom ou excelente, diziam, datilógrafo foi muito útil quando, acusado de comunista, respondi inquérito administrativo por determinação do secretário do Interior e Justiça, Gentil Barreira, onde exercia as honrosas funções de Auxiliar de Escritório Referência VIII, depois de alguns meses como Mensageiro Referência VII. Mato sua curiosidade dizendo que, como apresentava na Dragão do Mar a vigorosa crônica “Nossa Palavra”, de Blanchard Girão, militares acharam que eu era comunista.

A datilografia foi importante porque, ao depor, respondendo várias perguntas dos inquisidores, a secretária da comissão indagou ao presidente da mesa: “Doutor, o Narcélio é conhecido como excelente datilógrafo. Ele pode datilografar seu depoimento? O presidente concordou, sentei-me à máquina, e escrevi meu depoimento, incluindo que era bem casado e morava no Monte Castelo. Isso, eu pensava, ingenuamente, afastaria a acusação de ser comunista. E funcionou realmente, pois fui absolvido.

Mas somente voltei ao trabalho na rádio, perrenove, TV Ceará, em abril de 1964, graças a um atestado assinado pelo doutor Manuel Eduardo Pinheiro Campos, recentemente falecido, afirmando que eu não era vermelho. E assim vocês acompanharam como o artigo do estudante Hezaul, no jornal do leitor do POVO, inspirou-me para esta conversa diária que mantenho com os ouvintes.





## Aequitas

Já contei aqui sobre o que me lembra Fortaleza dos anos 40/50 e até um pouco de 60, quando a gente ficava parado na livraria Aequitas, na Rua Guilherme Rocha, que tentaram muito mudar o nome para Rua do Ouvidor e nunca conseguiram. Estacionávamos quase na porta do Excelsior Hotel onde se hospedavam os aviadores da NAB, Loide Aéreo e Panair, uma grande atração para os brotos da cidade. E os que não eram pilotos nem nada da aviação, como nós, esperavam as sobras...

De vez em quando comparecíamos aos programas de auditório da Perrenove, no edifício Pajeú, ali perto do Serviço Telefônico, mesmo defronte à 25ª. Círculo de Recrutamento do Exército brasileiro. Os grandes artistas faziam sua apresentação naquele local onde hoje funciona o Tribunal de Contas do Estado. Lembro um show de Dick Farney, cantando “Uma loura” “Todos nós temos na vida, um caso, uma loura...” O homem cantando no palco e os rapazes olhando para aquela loura oxigenada, grande sucesso da cidade. Mas, ela nem dava bolas, preferia o Dick Farney. Este por sua vez nem dava confiança. Como era também pianista não tinha esse cuidado de flertar com as meninas.

É bom registrar que foi o primeiro cantor aparecendo na cidade cantando e se acompanhando ao piano, concomitantemente. Foi um sucesso muito grande a presença desse cantor em Fortaleza. Dele diziam, “ganhou um concurso de Jazz nos Estados Unidos”. Se era ou não verdade o certo é que a exemplo da rumbeira Rayto de Sol, teve suas fotos vendidas no dia seguinte na Abafilm, na Rua Barão do Rio Branco, no chamado quarteirão sucesso da cidade. O mesmo aconteceu com o cantor Ernesto Bonino, italiano. Este se





envolveu com uma garota apaixonada e acabou sendo preso, recobrando a liberdade graças ao doutor Manuelito Eduardo, diretor da Perrenove.

E já que estamos falando em grandes atrações, certa feita chegou por aqui precedido de grande cartaz, como artista de Hollywood, o pianista Carmem Cavallaro. Ele recentemente participara do filme “Escola de Sereias”, com Ricardo Montalban e a nadadora estrela Esther Williams. Foi o bastante para uma incomputável multidão, como dizia o locutor João Ramos, lotar o auditório para ver de perto o astro.

Depois da apresentação no auditório do edifício Pajeú, fui escalado para ser seu apresentador no Ideal Clube, onde a alta sociedade de Fortaleza desejava aplaudi-lo, ou como dizia o Armando Vasconcelos: “Ver, ouvi-lo e aplaudi-lo”. E foi só o que deu. Cheguei mais cedo e fiquei aguardando ao lado do palco numa mesinha ali colocada para o empresário do pianista e para o dito cujo. Ele não dizia uma palavra de português, falava com os teclados.

Começou o show. Carmem Cavallaro tocou vários hits do momento como Te Quiero Dijiste, tema do filme Escola de Sereias, cantado por Carlos Ramirez. No final, a apoteose executou Aquarela do Brasil. O show terminou com o público de pé aplaudindo. Fiquei emocionado e aconteceu o inusitado. Chegou um senhor e se aproximou do artista, jogou na mesa uma maçaroca de dinheiro enrolado num jornal dizendo: “Taí seu dinheiro seu Carmem”. Seu Carmem retirou-se com cara de mau, não gostou..... saiu. No entanto, o empresário pegou o dinheirão, botou debaixo do braço e foi atrás do seu Carmem... Até que fiquei encabulado, mas como não tinha nada com o peixe levantei-me e fui também pra casa... comendo o rocambole, presente do diretor.



## Boré

Neste início de programa tenho lembrado os episódios interessantes dos anos 40/50 e até um pouco dos 60, quando a cidade era pequena e todos se conheciam. Essas coisas que os mais velhos ou menos jovens relembram com saudade e os jovens acham engraçado, pitoresco e até ridículo... Uma época em que os tipos populares desfilavam recebendo e respondendo os insultos da meninada.

O Boré, o Alberto Honorato, Feijão Sem Banha, a Ferrugem eram aperreados e davam o troco quase sempre e ainda hoje impublicável. Falo nas tertúlias do Maguari e recuando um pouco mais relembro o Bazar de Músicas nas casas de família. Eram festas animadas pela rádio, na época somente a Ceará Rádio Clube, a perrenove... O nome do programa era tão popular que o convite no sábado já se falava no Bazar que iria acontecer na residência de um amigo. E não era nada fácil dançar com a garota preferida. Sempre havia a necessidade de se pedir licença aos pais, irmãos e até amigos mais próximos. No Maguari era chegar até às mesas onde estavam as famílias e cumprir o ritual da licença.

Fortaleza sempre foi festeira. E sempre preferíamos as festas Cif, o que significava que ninguém pagava nada. Nada de bebidas alcoólicas, no máximo um licor de tangerina ou genipapo e assim mesmo racionado. As mulheres então não bebiam nada. Na sede era água mesmo do filtro, da quartinha ou do pote mesmo ou alguma garapa de cajá, ou murici.

As chamadas pensões alegres, no centro, onde os mais novos faziam sua iniciação. Se tinham algum problema mais sério procuravam o enfermeiro Almeida. Cura na certa. Os filmes de Hollywood, da Metro, Paramount, Columbia, da Pelmex mexicana e os brasileiros da Atlântida, assistidos nos cines Centro, Rex, Moderno, Majes-





tic, Familiar, Luz e o luxuoso Diogo, com sua concorrida sessão das quatro tão falada aqui. Tudo isso está sendo dissecado neste início de programa, antes da parte mais séria enfocando os temas que dizem respeito à vida política e administrativa do Estado, sem esquecer a prestação de serviço.

Enquanto vou falando aparecem na minha imaginação as quermesses de São Gerardo, do Mucuripe, do Dispensário dos Pobres, no Benfica; da Igreja de São Benedito. Imaginem vocês que a Rua do Imperador era fechada entre a Clarindo de Queiroz e Duque de Caxias para as brigas dos partidos azul e encarnado, após, naturalmente, a benção do Santíssimo na Semana Eucarística que atraía a cidade toda. Tempo da Semana Eucarística. Justamente neste mês de agosto os leilões no patamar da Igreja eram concorridíssimos. Parece que ouço o leiloeiro gritando: “Vou entregar... Vou entregar”.

Na praça José de Alencar acontecia o Parque Shangai e a Feira de Amostras, com os alegres shows de Mário e Conchita Mascarenhas, cantor Vicente Celestino, Orlando Silva. A Feira da Mocidade na praça do Liceu. E nem posso omitir a Festa da Imprensa no Passeio Público. Um dos grandes shows foi estrelado por Rayto de Sol e Dom Pedrito, o Rei do Bongô. Ela era tão bonita que a Abafilm no dia seguinte vendia fotos dela, vestindo um minúsculo short, num tempo em que era difícil ver essas coisas escondidas. E mais ainda o Pastoril da Irmã Breves, no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, na época do Natal e na Semana Santa o Mártir do Gólgota, que arrancava aplausos e até prantos dos expectadores. Há muito que dizer sobre esta nossa querida cidade de Fortaleza. É o que venho fazendo todos os dias neste início de programa. E ainda tem muito para contar.





## Cinema

Já falei sobre os cinemas de Fortaleza, mas não acrescentei que o Cine Centro dispunha de somente um projetor o que obrigava o filme ser exibido parte por parte. Assim, no final da década, parte das lâmpadas do salão eram religadas o que provocava um afastamento estratégico dos namorados. Também não falei no incêndio que destruiu completamente o Majestic, um edifício com prédio correspondente à Barão do Rio Branco e que tinha ao lado o Bar com a mesma denominação do cine e um sobrado com apartamentos alugados a rapazes solteiros de toda espécie, inclusive aqueles que, quando recebiam visitas colocavam um lençol branco na janela para que ninguém se aproximasse.

Outras salas de projeção eram o Cine Luz, na Praça da Estação, o Familiar, ao lado da Lagoa das Cambirimbas em Otávio Bon-





fim e, no mesmo bairro, o cine Familiar, dos frades da Igreja Nossa Senhora das Dores, onde pontificava o frei Teodoro muito rígido nas suas opiniões principalmente nos filmes mais avançados. Ele usava de seu poder para colocar a mão na frente do projetor, censurando os famosos beijos de desentupir pia. A geral, bancos desconfortáveis sem encosto, colocados à frente das cadeiras abrigava os que não tinham condições de comprar os ingressos mais caros. E como eles reclamavam no momento em que a projeção era interrompida com a mão do Frei Teodoro. “tira a mão, frei”. Ele nem ligava e se flagrasse alguém com barulho colocava o mal educado para fora sem contemplação. O Dioguinho ficava na Aldeota, assim como o Ventura, enquanto que o Joaquim Távora, no bairro de mesma denominação.

Já falei no Majestic com sua luxuosa sala de espera com enormes espelhos pela Major Facundo. Depois que a entrada foi transferida para a Barão do Rio Branco, mesmo defronte ao edifício Diogo, que



era azul como todos os imóveis da família, ela perdeu a sua imponência porque inclusive era por lá que tinha acesso o pessoal da geral com a obrigatoriedade de deixar os tamancos ao lado da bilheteria. Era a forma encontrada para evitar o barulho que eles faziam na hora da reclamação dos expectadores.

O Majestic, nos anos cinquenta, já disse, foi destruído por violento incêndio. Um prédio histórico que a cidade perdeu. Foi lá onde ocorreu um dos episódios mais curiosos protagonizado por aquele jovem brincalhão que em momentos de filmes tristes ele entrava com sonora gargalhada e nas películas de suspense ele ficava dizendo em voz alta o que iria acontecer: “Esse artista aí vai morrer daqui a pouco”. A reclamação era geral. O episódio aconteceu quando da exibição do filme *Maria Antonietta*, tendo como estrela a belíssima Maria Félix, mulher do compositor de *Pecadora*, Agustín Lara e de *Maria Bonita*, homenageando sua deusa. O cara era ardiloso. Assistiu dez vezes ao filme e decorou, cronometrando tudo, e o detalhe especial: o momento em que Maria Antonietta subia no patíbulo para ser guilhotinada, aquela história da revolução francesa, dos brioques. Maria Antonietta ou Maria Félix subia vagarosamente a escada e em determinado momento parava olhava para trás durante alguns segundos e prosseguia seu caminho para a morte. O cara sentou no último lance da geral, lá em cima. Ficou só aguardando o momento que planejava com muito cuidado. Maria Antonietta, Maria Félix, foi então subindo vagarosamente a escada. No momento que ele já sabia, gritou: “Maria Félix”. Ela parou, olhou para trás alguns segundos. E ele: “Não é nada não, pode ir”. Ela retornou a caminhar na escada. Foi um tumulto enorme e só terminou quando o Inspetor Apolinário, o disciplinador do Majestic subiu correndo até a geral e fez o que sempre realizava em fatos semelhantes: “Esta fila aqui, a partir deste cara aí desce todo mundo”. E todos saíram correndo sem tempo de apanhar os tamancos, inclusive o autor da façanha de ordenar uma artista que parasse...e ela atendeu.



## Boca-a-boca

O que relembro aqui são fatos reais, verídicos. Aconteceram há alguns anos em Fortaleza. Como era uma cidade pequena, conseqüentemente, com menor número de habitantes, todos se conheciam. Embora não tivéssemos ainda televisão e o rádio era menos atuante do que atualmente, o boca-a-boca fazia com que todos tomassem conhecimento do que ia acontecendo, incluindo também as fofocas e mexericos, das Mariquinhas e Maricotas.. as faladoras da vida alheia.... Alguns deles estão relatados no livro Fortaleza, histórias e estórias, que escrevi e foi lançado em 1999.

Os jovens da Rua do Imperador e adjacências freqüentavam assiduamente o Cine Centro, na esquina da Tristão Gonçalves com Duque de Caxias. Um prédio para nós histórico. Como Fortaleza agora é que está acordando para a preservação de seus edifícios mais antigos, históricos, infelizmente o Centro não escapou da demolição decretada por empresário do ramo de material de construção, inobstante a Câmara Municipal tenha considerado, em virtude de lei, aquela casa de espetáculos como um prédio histórico.

Nessa sala de projeção com filmes diários, inclusive as famosas séries (filmes exibidos em episódios, como hoje as novelas de tv) a Sombra do Escorpião, Red Barry Jim das Selvas, Flash Gordon e outros, além dos filmes brasileiros com Oscarito, Grande Otelo, Cyl Farney, Eliana e sua saia rodada, Adelaide Chiozo, José Lewgoy e muitos outros. No dia em que era exibido um filme nacional a fila dobrava o quarteirão. Havia ocasiões em que eram necessárias sessões extras com a película, sempre precedida de jornais brasileiros, americanos ou ingleses, um trailer, reclame dos filmes que seriam exibidos proximamente. As produções mexicanas da Pelmex, por exemplo, vividas por Maria Felix, mulher do compositor Agus-





tín Lara, Pedro Armendariz, Cantinflas, também atraíam grandes multidões. De vez em quando um filme francês ou italiano, mais realistas, quase sempre impróprios até 18 anos, o que aguçava a curiosidade dos jovens, mas a guarda do Centro Estudantil Cearense estava atento na portaria para evitar meninos assistindo filmes imorais.

Um dia, anunciaram “Veneno Lento”, um filme impróprio, com cenas ousadas e exibição no Teatro José de Alencar. O jornal O Nordeste, do arcebispo divulgou logo que os católicos não poderiam assistir esse filme. Isso aumentou o interesse e nós conseguimos entrar no teatro, com alguns percalços. Foi uma decepção, nojo até, a produção mostrava as doenças do mundo, como eram conhecidas as doenças venéreas mais horrorosas, chocantes mesmo. Não valeu a pena mudar a idade na carteira de estudante para assistir. A partir desse fora que demos lutando para assistir um filme sensual com mulheres bonitas e cenas mais audaciosas resolvi não mais acreditar nos títulos dos filmes como um que apareceu no Cine Centro, intitulado “Camas Separadas”. Para a garotada freqüentadora do Cine Centro “Camas” significava cenas fortes o que não aconteceu. Outro atraente filme foi Gilda, nunca houve uma mulher como Gilda. A molecada correu para o Cine Centro. De mais só um beijo de desentupir pia de Rita Haywort em Glend Ford, que poderia impressionar uma daquelas filhas de Maria ou Congregado Mariano da Catedral, não aqueles jovens passados na casca do alho como nós...

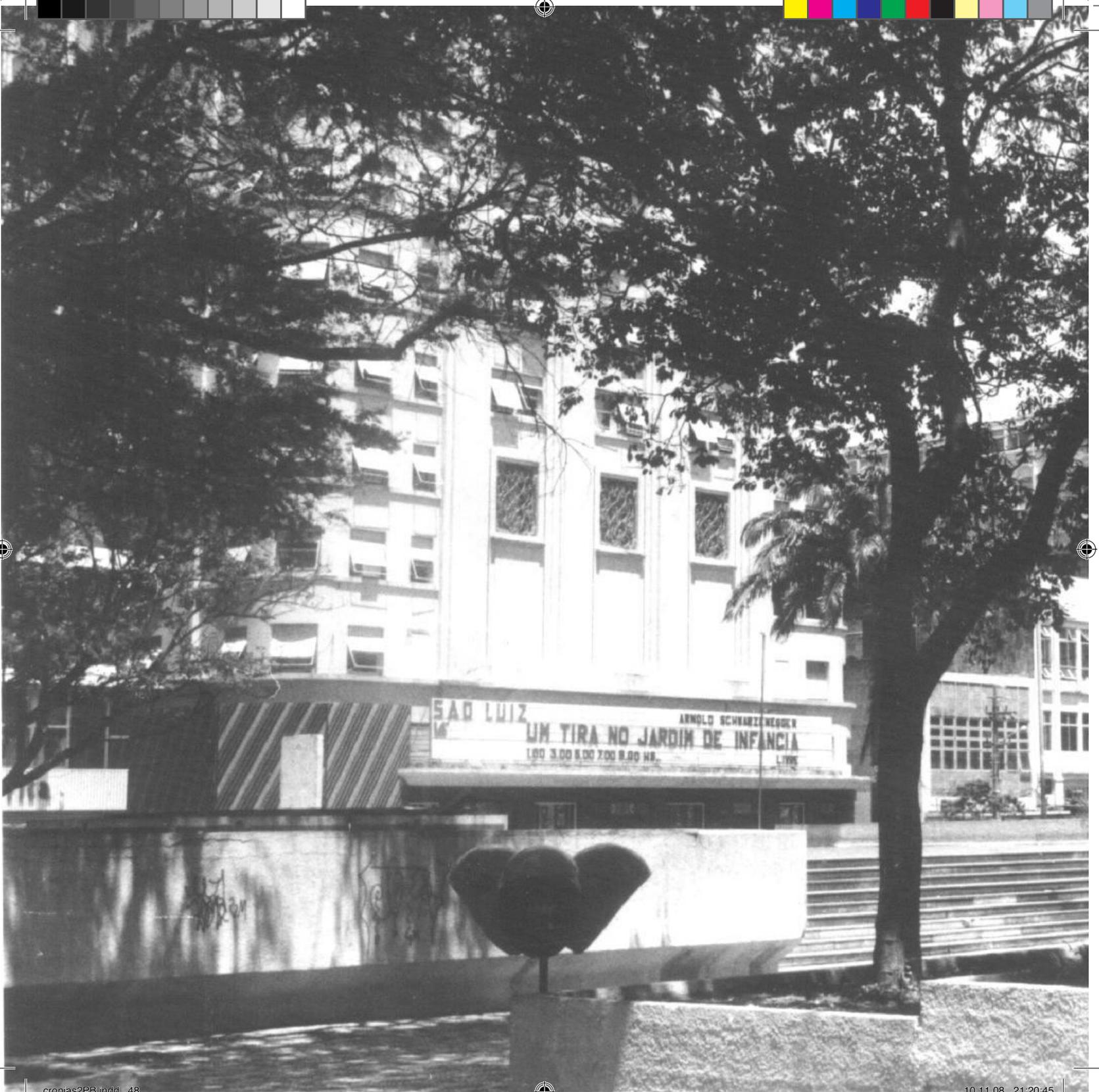


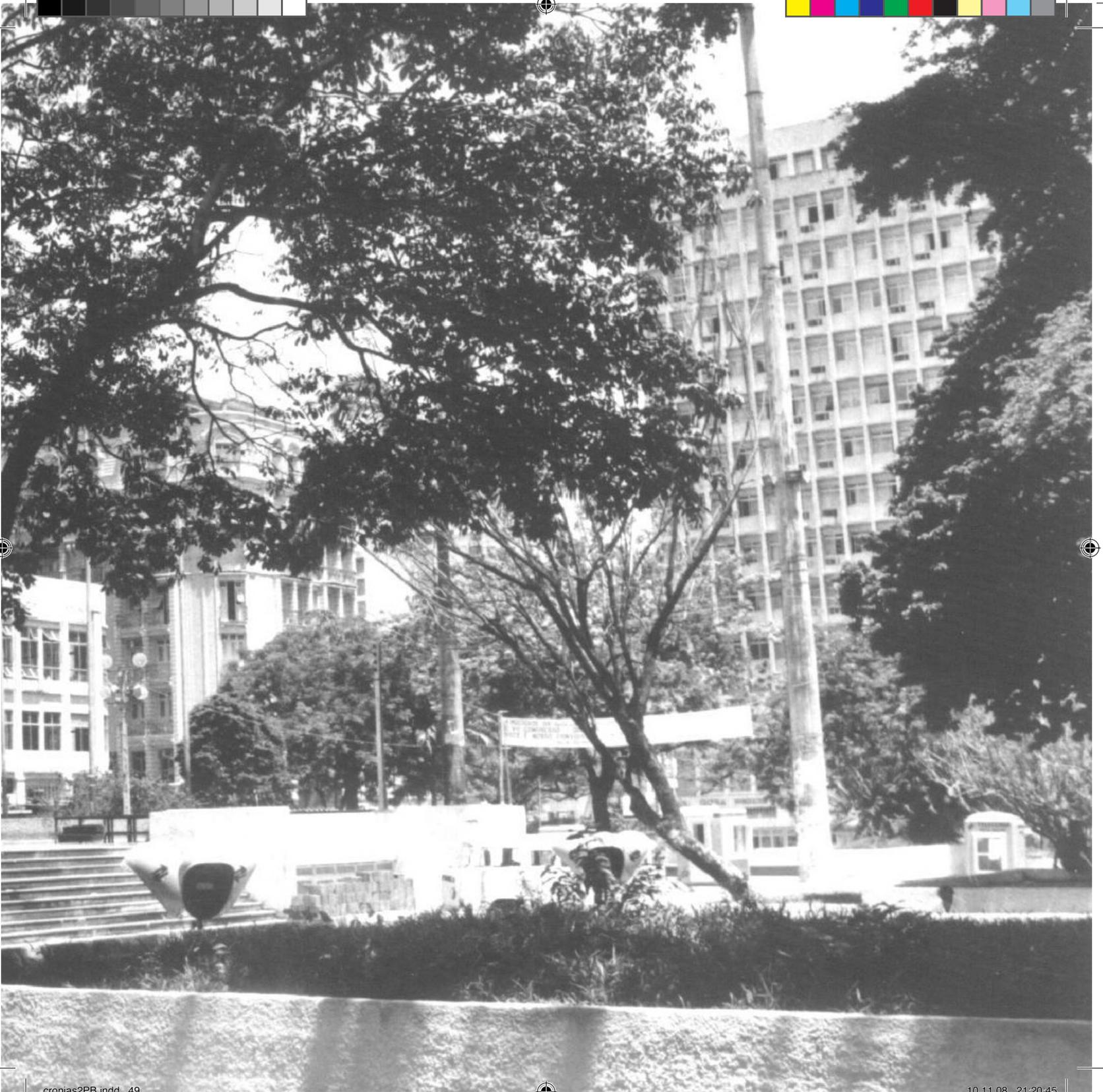
## Delivery

Quando não havia delivery, há muito tempo, meu pai mandava pegar o bonde, comandado pelo Mamãe Dorme Só na esquina do Seu Gambetá, dava o trocado para comprar o cupon do condutor Spalt e mais um dinheirinho para fazer as compras para o jantar no centro da cidade. O restaurante Popular do Ribeiro era o alvo preferido, pois oferecia um prato mais econômico, sem ser self/service, pois nem se falava nisso. Imaginem que o prato tinha uma posta de cavala, mais farofa, macarrão, arroz e feijão, tudo por baixo da posta de peixe, bem grande por sinal... Recordo bem que o vendedor que ficava por trás do Galvão, pegava tudo com a mão e ninguém dizia nada. Naquele tempo nem micróbio existia... Mas havia um cuidado especial. Comprar os pratos de papelão na padaria Lisbonense. Ela ficava um pouco mais na frente, na Praça do Ferreira.

O restaurante do Ribeiro era no mesmo quarteirão da loja que vendia Camas Patente, L.Liscio Faixa Azul. Ali onde hoje tem o prédio da ACI, construído mediante campanha popular e sucessivas festas da imprensa, que aconteciam no Passeio Público e posteriormente na Cidade da Criança, ou Parque da Liberdade. Também para refeições rápidas comprava latas de salsichas tipo Viena, na Padaria Triunfo, na esquina da Senador Pompeu com a Rua Liberato Barroso, ou Beco das Trincheiras, como diziam meus pais.

Depois foi que apareceram as pizzas em Fortaleza. Não sei ao certo qual foi a primeira pizza, se foi do Viriato Ressureição Ludovico, da Duque de Caxias ou a Di Caura, na Rua Senador Pompeu, defronte ao Jornal O POVO. Mas o interessado teria de comparecer pessoalmente para comprar, não havia a entrega no domicílio e mesmo se houvesse, a dificuldade para dar um telefonema era imensa. Naquele tempo em que as pessoas batiam sem qualquer carinho, com raiva mesmo, nos telefones, esperando ouvir o sinal de discar.







## Pio

Os oitenta anos da Casa Pio, dos filhos de Clóvis Rolim, lembraram as importantes lojas do centro da cidade de alguns anos atrás. Antes, é bom que se diga que o nome da loja vem desde Pio Rodrigues, um empresário de Fortaleza, de muito sucesso e visão. Creio até que o “Campo do Pio”, antigo bairro de Fortaleza, hoje conhecido como Parque Araxá e Parquelândia, originou-se também de seu nome.

As lojas de Fortaleza concentravam-se no centro, imediações da Praça do Ferreira. E todas elas eram anunciantes da velha perrenove, a Ceará Rádio Clube, que está, infelizmente, para mim, perdendo o seu tradicional. Flama, símbolo de distinção, de Romeu Aldigueri, tomou o lugar da Sloper, era loja de grande categoria, assim como A Cearense dos irmãos Coelho de Araújo. Esta oferecia até cadeiras para os fregueses, no atendimento.

Romeu, além de Flama, oferecia também duas mais populares, as lojas de Variedades, todas no centro de Fortaleza, uma delas da Praça do Ferreira até a Barrão do Rio Branco, onde foi instalada uma sorveteria, comandada pelo Zequinha. Era ponto certo para os frequentadores

da sessão das 4 do Cine Diogo. Terminado o filme todos iam merendar o pastel da Variedades. Romeu também instalou aqui o primeiro supermercado, denominado Sino, inicialmente na Rua 24 de maio, depois chegando na Pinto Madeira, Aldeota.

A Casa das Máquinas, do seu Gontran Nascimento, vendia à vista e à prestação sem a menor complicação. A Cruzeiro, de Rubens Lima Barros, fazia periódicos queimas, como as Loucuras de Setembro. A Casa Parente, do Inacinho Parente, também tinha sua importância e categoria. Ela era sempre a primeira a seu serviço, slogan inventado por Rômulo Siqueira, um grande empreendedor, diretor da Prenove.

Não faltará oportunidade para voltarmos ao tema, lembrando a Casa Zuca Acioly, uma maravilha em exposição, uma babilônia em sortimento e a Rianil, a loja azul da Floriano Peixoto e as lojas dos Irmãos Damasceno. Tudo depois do registro dos oitenta anos da Casa Pio, feito pelo Marciano Lopes, no Diário do Nordeste. Para mim, respeitando os que pensam o contrário, o grande exemplo de que empresa familiar dá certo, desde que tenham líderes competentes e dedicados.





## Jacarecanga

Jacarecanga era o bairro chique de Fortaleza há alguns anos atrás, antes de perder a hegemonia para a Aldeota. As famílias mais ricas, comandadas por capitalistas, era assim que classificavam os que tinham dinheiro ou os pobres metidos a besta, moravam por lá em luxuosos bangalôs.

Um morador do bairro que recordo era Alfredo Salgado, dono da Itapuca Vila, desaparecida para surgir em seu lugar um arranha-céu. Era um idoso decente, sempre de branco e com um cravo de defunto na lapela. Diziam, não sei se era lenda urbana, que mandava lavar suas roupas em Londres... Londres na Inglaterra mesmo e não numa lavanderia com essa denominação.

Os prédios do Liceu, do Corpo de Bombeiros, a mansão de Pedro Philomeno (com PH) na Praça Gustavo Barroso ou Fernandes Vieira chamavam a atenção dos transeuntes, principalmente os pobres como nós. Bangalôs típicos com até três andares também eram admirados. Num deles morava o ainda não famoso Paulino Rocha, radicalista e deputado estadual.

Bem próximo o Asilo do Bom Pastor para onde vinham as moças que perdiam essa qualidade e ali eram internadas por seus pais. A Vila São José construída por Pedro Philomeno para os operários de suas fábricas parecia uma pequena cidade. Foi lá onde em determinado ano Dorian Sampaio instalou uma prefeitura particular, criticando o prefeito.

O bairro era servido pelos bondes da Ceará Tramways Light And Power, a Coelce daquele tempo e pelos ônibus da Empresa Pedreira, de Oscar Pedreira, morador também ali próximo à Avenida Francisco Sá. Pedreira era conhecido como enfrentador das greves dos estudantes, comparecendo pessoalmente à batalha dos jovens alunos do Liceu. Jacarecanga era o caminho natural para a praia do Pirambuque não cheirava bem, ou praia da... bbb... assim conhecida porque era lá que terminava o esgoto da DVOP, hoje Cagece. Esta crônica é para lembrar os 163 anos do Jacarecanga e gostosas recordações chegaram à memória nossa e dos fortalezenses que viveram a época gloriosa do bairro...



## Eucarística

A Semana Eucarística da Igreja de São Benedito ou, como diziam os padres Sacramentinos do Santuário da Adoração Perpétua reunia grande multidões, em agosto. Todos os dias havia uma programação especial, incluindo novenas, seguindo-se os leilões e as quermesses, com as tradicionais brigas dos partidos azul e encarnado. As moças mais bonitas e como havia delas, incluindo as falsas magras, aquelas que eram bonitas somente na janela, ou no postigo, participavam da votação. De vez em quando um choque mais sério envolvendo insultos sem nomes feios, claro, mas incluindo puxantes de cabelos, imediatamente apartado pelo padre Guilherme, superior dos sacramentinos, um “santo homem” diziam as litigantes já pacificadas. Na qualidade de sacristão da igreja, tempo do *Introibo ad altare Dei*, eu sentia assim uma certa importância para participar dos festejos.

Blanchard Girão, infelizmente desaparecido, disse em um de seus livros “As novenas e quermesses de São Benedito integravam o calendário festivo, não somente do povo da área da Imperador, Tristão Gonçalves, 24 de Maio, Princesa Isabel, Meton de Alencar, Dona Tereza,

Praça São Sebastião e suas adjacências, mas de gente de outros bairros, todos atraídos pela animação característica daquele tipo de evento.”

Ele cita meu pai, Limaverde, como um dos coordenadores das festinhas, figura emblemática do acontecimento. Ele, locutor pioneiro da radiofonia cearense, apresentando dois dos mais famosos programas da antiga Pre9, primeira e, por muito tempo, a única estação de rádio da cidade: *Cou-sas que o Tempo Levou*, a *Hora da Saudade* e o *Bazar de Músicas* já falados aqui. Ele comandava os leilões atraindo os habitantes de toda a cidade, para arrematar desde um belo aparelho de jantar até uma humilde galinha cheia, por sinal muito gostosa, galinha pé duro, antes dessas que existem hoje em dia alimentadas com hormônio.

Blanchard conta a história em que, certa noite, grupo de jovens, no bom estilo das gangs de hoje em dia, praticou toda sorte de desmando no local. Felizmente esse tipo de baderna não prosperou. A cidade era pacata e não comportava desordens. Na época as providências policiais, a presença da Madalena (RP daquele tempo) evitou maior problema e sua continuidade, foi o que observei, olhando à distância os acontecimentos.





## Lendas

As lendas urbanas de Fortaleza. Certa noite uma jovem participante de programa televisivo falou que na Praia do Pirambu os banhistas encontravam pedaços de cadáveres. Foi uma celeuma na cidade, pois todos acompanhavam o programa. Mas o pai da moça acalmou todos quando disse que era uma lenda urbana de Fortaleza.

O Cão da Itaoca, o monstro da Lagoa Verde, o ensebado, que atacava o povo na Praça do Ferreira, o jacaré da Cidade da Criança podem ter sido lendas urbanas mas há quem afirme que tudo isso existiu. Chegou a ser revelado que o Cão da Itaoca era um protesto da população contra casal amancebado que morava “no meio das famílias”, diziam.

Naquele tempo quem se juntava sem a benção da igreja católica e o registro em cartório não era reconhecido. O ensebado era um marginal, num tempo em que eles eram mais difíceis. Quando a polícia pegava, ele se desvencilhava escorregando das mãos do agente da lei. Havia também um louco que dava injeção no povo, diziam que ele era leproso... O monstro da Lagoa Verde e o jacaré da Cidade da

Criança, foram invenções do Paulo Lima-verde.

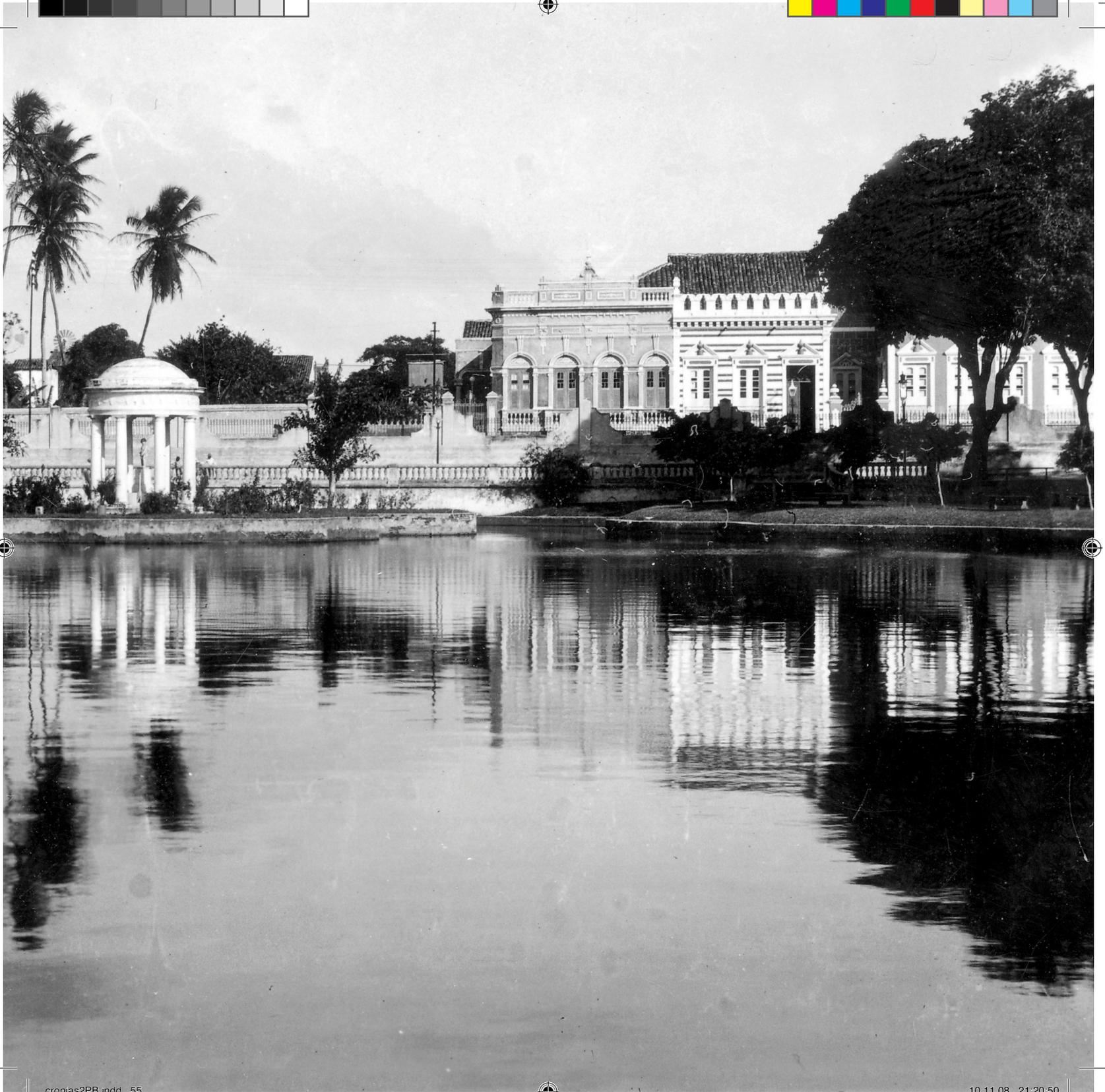
A cidade sempre teve essas estórias. Certo dia um motorneiro da Light, guiando um bonde que fazia a linha do Prado. Ele desejava tirar uma linha com uma mulata. Quando olhou para trás, que surpresa, ao invés de olhos meigos e sedutores, encontrou o olhar frio de um velhote, conta a notícia do Povo, que viajava no primeiro banco bem próximo.

O motorneiro Raimundo Acácio o conhecia em vida e tivera a ocasião de acompanhar seus restos mortais ao Cemitério São João Batista. Ao notar o olhar do misterioso passageiro, Acácio gritou rouco para o condutor: “Meu Deus!!”... “Valha-me Nossa Senhora...” Dito isso caiu no soalho do bonde. Nisso, um passageiro mandou parar o bonde. O condutor tremendo de medo assumiu o comando do veículo que foi brecado. Os viajantes desceram e o vidente, ainda sem sentidos, foi levado para uma farmácia.

Isso aconteceu em 1928, há 80 anos, conta o jornal O Povo, na coluna “Um dia como hoje” Foi famosa estória de almas em Fortaleza, uma lenda urbana sem dúvida...









## Kennedy

Há 45 anos Fortaleza ficou chocada com o assassinato do Presidente John Fitzgerald Kennedy. Foi com pesar, surpresa e revolta que a cidade toda lamentou o infausto acontecimento. Os jornais saíram em edição extra historiando o trágico assassinato, com manifestações de autoridades e do povo em geral lamentando a morte de JK. Na prenoche também o Noticiário Relâmpago, que eu apresentava, saiu em edição extraordinária, com detalhes do crime. Ele tinha sido o 35º presidente dos EEUU. Ficou mil dias na presidência.

Seu governo foi marcado por ambiciosa política trabalhista, o crescente envolvimento dos EEUU no Vietnã, o fracasso da invasão de Cuba, a crise dos mísseis, a criação da Aliança para o Progresso. John Kennedy era também admirado pelo povo em geral, beneficiado pela Aliança para o Progresso, que mandava para o nordeste, entre outros presentes, um queijo enlatado. Um vigário resolveu vender o queijo, por sinal muito gostoso. Perguntado por que fazia aquilo, ele: “O queijo faz mal aos pobres...”

O então Vereador Sérgio Costa gostava muito de falar em episódio bem interessante acontecido em cidade do interior do Estado,

talvez até a mesma do padre do queijo. É que uma humilde senhora foi até a igreja do município para contratar com o vigário o batizado de seu filho caçula. Juntamente com o marido ela entrou na sacristia e aguardou o padre. Respondeu que o nome do bebê seria John Kennedy da Silva.

O padre estranhou a pretensão da sertaneja. Aconselhou que ela deveria dar um nome cearense, brasileiro, como: Pedro, Antônio, Paulo, lembrando que eles foram santos. Mas, a senhora Raimunda Nonato foi firme naquilo que desejava para seu filho. Tinha visto sua foto nos jornais ao lado de sua linda mulher (ela disse) Jaqueline e não arredou pé. Seu filho teria o nome do presidente dos Estados Unidos. Tanto teimou que conseguiu. O menino passou a ser conhecido como John Kennedy da Silva.

Fácil é lembrar o choque sentido por dona Raimunda, comadre de Jacqueline Kennedy, quando soube da tragédia. O próprio vigário foi dizer a ela, quando recordou da luta enfrentada para não dar aquele nome ao garotinho. “Dona Raimunda, o presidente John Kennedy, morreu, foi assassinado”. Ela não teve dúvidas, segurou o filho apertando-o ao coração, dizendo: “Imagino o sofrimento da comadre Jacqueline... Gente simples é outra cousa, não?...”





## Namorados

Lembro hoje o Dia dos Namorados. E nesta época muitos já ficam... Hoje “ficar” é outra cousa. Há alguns anos era ficar mesmo... Hoje tudo é diferente do tempo antigo. Na Fortaleza Antiga os namoros eram mais distantes... Os rapazes, tímidos, quando simpaticizavam com o broto mandavam um cartão muito enfeitado de brilhantê... E nele estava escrito: “Senhorita. Estou apaixonado por você. Dobrando este lado será um sim. Dobrando este outro será o não. Devolvendo o cartão intacto será uma esperança”.

A eleita teria de cuidar para que seus pais ou irmãos não vissem o tal cartão. Seria problema na certa com proibição de sair de casa. Outras providências era o irmão mais velho acompanhá-la até o colégio e, nos finais de semana, ao cinema. A esperança era a companhia ser do irmão mais novo. Este fácil de comprar, com bombons, confeitos, etc. Um amigo mais ousado da Rua do Imperador chegou ao ponto extremo. Abordou a garota e perguntou de chapa: “Você quer namorar comigo?”

Era quando os namorados colocavam um retrato bem pequenininho no relógio, quando os oferecimentos mais românticos, acompanhando um retrato, era “Para teres nos olhos

quem te tem no coração”. Ou aquele outro: “Quando olhares este retrato lembra-te que tens quem te ama”. O problema acontecia no final do namoro com a frase: “Está tudo acabado. Devolva minhas cartas e meus retratos, que farei o mesmo”. Dramático, não?

Conheci um caso de um casal de namorados com romance mais sério. Já estava na fase dos presentes. Eram bem jovens... Mesmo assim ele chegou a freqüentar a casa da garota, escondido do pai, é claro, mas com a permissão da mãe, boa tocadora de trombone. (Tocar trombone era quando a tocadora fazia tudo para que o namoro desse certo. As mães eram doutoras nesse assunto, enquanto os pais eram temidos).

Conheci um namorado que no Natal deu de presente um estojo Coty, aquele bem grande que tinha de tudo, “L’aimant, L’epreuve, loção, extrato, brilhantina, o diabo a quatro. No dia em que o namoro acabou a irmã do namorado foi até à casa da garota e exigiu a devolução do estojo.

Um bom dia dos namorados para todos, incluindo os namorados de sempre, os que conseguiram manter o casamento durante muitos anos, o que, na época atual, é muito difícil. E para os mais jovens, certamente que hoje é mais um dia de “ficar”...





## Veículos

O trânsito em Fortaleza está cada dia ficando mais complicado. A cidade de ruas estreitas está sofrendo, dizem, o aumento desordenado de veículos. Há quem diga também que os semáforos demoram muito ou são rápidos demais. Talvez seja o que pensa aquele que está esperando nos cruzamentos... Eu posso oferecer uma idéia sobre o assunto. Resido bem próximo da Assembléia talvez um quilômetro de distância. No entanto, tenho de sair de casa, para enfrentar a Avenida Antônio Sales, vinte minutos antes, pois demorando mais chegarei atrasado.

Será que vamos voltar ao passado, com aqueles guardas do trânsito orientando os veículos nos cruzamentos? A resposta é não, pois modernizar é o que todos querem nos momentos atuais. Na semana passada encontrei no *O Povo*, na coluna "Um dia como hoje", algo muito interessante sobre o trânsito de Fortaleza. Diz a informação



que “O Inspetor de veículos, Tenente Porfírio Lima Filho, baixou algumas instruções para o tráfego de automóveis e bicicletas em Fortaleza:

1. é proibido aos ciclistas marchas aceleradas, sendo-lhes também vedado, apoiar-se nos bondes, ou em qualquer outro veículo em movimento (chamavam a isso “pegar bochecha”); 2. toda vez em que um bonde se encontrar parado, fazendo horário na Praça do Ferreira nos términos das linhas ou nos desvios, esperando outros bondes, os automóveis passarão ao seu lado em marcha lenta (10 km/h) e buzinando sempre; 3. nas ruas e praças da capital a velocidade máxima dos veículos será de 30km/h. Na Praça do Ferreira e em outros trechos de grande movimentação, os veículos irão trafegar com a velocidade equivalente a marcha de um homem a passos regulares”.

As autoridades ditas responsáveis pelo trânsito em Fortaleza devem meditar sobre essas medidas de 80 anos atrás. Claro que elas não se aplicam agora. Naquele tempo eram sérias. Hoje é motivo de galhofa para os que leram a informação. Certamente estamos precisando de um inspetor de veículos como o Tenente Porfírio Lima Filho. Ele, pelo menos, ficou preocupado com o problema. Alguém precisa fazer alguma coisa...



## Eleição

O dia 3 de junho, 20 anos sem Virgílio Távora lembrou uma grande luta eleitoral travada no Ceará. Defrontaram-se Virgílio Távora, deputado federal, coronel do Exército e o Professor Parsifal Barroso, senador e ex-ministro do Trabalho.

Era no tempo das chapas colocadas nas urnas e depois apuradas uma a uma no Tribunal Regional Eleitoral, funcionando na época, na Rua Barão do Rio Branco, antigo Tribunal de Apelação. Trabalhei nessa apuração como funcionário estadual requisitado pela Justiça Eleitoral. Aqui e acolá uma reclamação do doutor Moraizinho, da UDN, partido de Virgílio.

Na Pre9 participei do comitê de Parsifal Barroso, comandado por Temístocles de Castro e Silva. Houve um dia de tumulto no decorrer da campanha. Foi quando colocaram no ar uma gravação do locutor João Ramos, do comitê de Parsifal: “Meu bisavô já dizia, havendo outro não vote em Távora”. A cidade repetiu o refrão abalando a eleição de VT. A resposta veio logo e desafortada. Parsifal Barroso venceu, foi eleito governador. Virgílio perdeu. Somente foi governador alguns anos depois quando da União Pelo Ceará. Foi sem dú-

vida um dos maiores governadores que o Ceará já teve em todos os tempos.

Dia desses, o jornalista Jocélio Leal na Vertical S/A falou sobre “Vinte anos sem Virgílio”, considerando-o o maior estadista do século XX, no Ceará. No final de sua vida acometido de câncer, ainda trabalhou duro na Constituinte de 1988. Teve papel decisivo em todas as grandes questões nacionais. Como governador promoveu as grandes mudanças estruturais no Estado, promoveu a industrialização e introduziu o planejamento”.

Um sábado depois de apresentar programa no Pirambu (aquelas visitas aos bairros de Fortaleza), retornei pra casa. “O governador quer falar com o senhor, papai”. Pensei que fosse trote. Mesmo assim fui ao telefone e VT: “O senhor disse que somente o padre Hélio trabalhou pelo Pirambu, não foi?” “Gostaria de falar com o senhor”, continuou. Fui ao Palácio e ele já me esperava. Na sala de situação deu-me uma aula de suas realizações no Pirambu. Virgílio era sincero, ríspido até, mas valorizava a imprensa, jornalistas e radialistas. Pronuncio com o maior respeito estes nomes: Virgílio e senhora Luiza Távora. Eles fazem falta ao Ceará.



## Almas

Na semana passada eu iniciei o programa dizendo: Hoje é segunda-feira, dia das almas e do sapateiro. Os mais velhos compreenderam o porquê dessa denominação para a segunda-feira. Para os que não entenderam vou logo explicando. É que, neste dia as pessoas compareciam aos cemitérios para rezar pro seus mortos. O número maior de visitante era no São João Batista, ainda hoje o principal de Fortaleza, mesmo depois de tantos campos santos particulares e mais modernos, com a exclusão dos mausoléus e túmulos cheios de enfeites.

A propósito, os mais velhos a princípio não gostaram nada quando foi inaugurado o Parque da Paz. Diziam que era um desrespeito servirem bebidas num cemitério. Mas gradativamente foram aderindo, considerando mais cômodo e menos lúgubre uma necrópole onde somente seria colocado um marco identificando cada jazigo. Que conversa mais triste, você vai dizer. Então, saíamos dela... Dia do sapateiro era porque, nesse dia, comparecíamos ao Didi sapateiro, no nosso caso, na Rua Clarindo de Queiroz.

Sempre no sábado havia uma festinha em casa de família, os conhecidos Bazar de Música, animados pelo programa de mesmo nome da velha perrenove... Uma festa arrastando os sapatos no chão batido com toda certeza gastava mais o solado. Como a maioria dispunha de somente um par de sapatos, o jeito era aproveitar a segunda-feira para o conserto. O Didi perguntava se era meia sola ou sola inteira, com pontos ou pregos. “ O que for mais barato”, todos diziam.

Tudo ocorria no tempo dos discos 78 rotações. Eles eram colocados um pickup ( pequena vitrola ), acoplado num rádio. As músicas dançantes como sambas, marchinhas, boleros eram tocadas uma por uma, porque, a cada duas faixas, tornava-se necessário mudar a agulha. Os homens ficavam mais animados tomando licor de tangerina, bate-bate de maracujá, enquanto as mulheres iam no seco mesmo. Essas festinhas eram bem apreciadas e freqüentadas. As da Rua do Imperador, por exemplo, juntavam assimmm de gente no sereno. (Sereno era do lado de fora da casa).





## Mazine

O Posto Mazine, na Praça do Ferreira, atendia pelos telefones 1422 e 1423. Os veículos Packard, novos, preferidos para casamentos e batizados. Chamavam-se carros de praça, não havia táxis, ainda. Os outros: Postos Ceará, Pará, Vitória, no centro, usavam carros Ford, Chevrolet, Simca, alguns até luxuosos. No posto Jeep, ao lado da Santa Casa, com veículos dessa categoria, permitia-se que o cliente sasse dirigindo. Na Praça do Carmo o posto Citroen, com esses carros franceses e na Praça José de Alencar, carros pequenos da marca Prefect, ofereciam corridas a partir de 5 cruzeiros, que o cearense apelidou de cachorrinho. Poucos carros particulares. Eram importados e se era alto o valor na compra muito mais despesas apareciam quando davam o prego. A dificuldade de peças de reposição era tremenda. Muitos contavam com a “garage” do Mestre Manoel, na Avenida Francisco Sá, no caminho da Barra do Ceará. O dono da oficina, chamavam garage, era um artista, fazia qualquer peça substituindo a de fábrica danificada. Numa abalroada em paralamas ou qualquer outro componente da flandagem a recuperação era feita, muitas vezes sem se notar nada, principalmente na hora de passar o veículo pra frente.

Hoje, quando vejo essas oficinas modernas cheias de testes eletrônicos, lembro do Antônio Martins, inicialmente na 24 de maio e, em seguida, ali pros lados do Liceu, na Avenida Padre Ibiapina. O carburador (hoje nem tem mais) dava defeito imediatamente era levado pra ele. Antônio Martins tinha um ritual próprio, incluindo soprando com a boca o equipamento. E sempre consertava o bicho. E o mais importante, difícil de se encontrar hoje, o trabalho era feito na cara do freguês. Para porta com dificuldade havia um mecânico especializado, antes do Paulo das Portas, doutor no assunto.

Era naquele tempo que o velocímetro funcionava e o carro pegava de primeira. Mesmo assim aqui e acolá ele era empurrado até pegar... E a molecada gritava: “Vende o carro e compra uma bateria...” E quando a marcha não entrava e fazia um barulho característico: “Aí não é marcha não, amarrado, aí é samba...”





## Lembranças

Numa reunião de pessoas mais antigas o assunto predominante foi Fortaleza. Esse tema diário deste início do programa. Relembavam os programas de auditório da Rádio Iracema como o Fim de Semana na Taba, do Armando Vasconcelos, sucesso nas noites de domingo. Somente começava quando chegava o general Salaberry, comandante da Décima Região, e esposa. Outro falava no Divertimentos em Seqüência, no Teatro José de Alencar, uma tarde inteira de atrações, com João Ramos, Mozart Marinho, Aderson Braz, Paulo Cabral e Manuelito Eduardo. Outros já queriam lembrar sobre a sessão das quatro do Cine Diogo com os brotos de solidéu ( uma boina na cabeça), blusa Gilda e saia godê, complementados pelo sapato carinha de bebê e meias soquete.

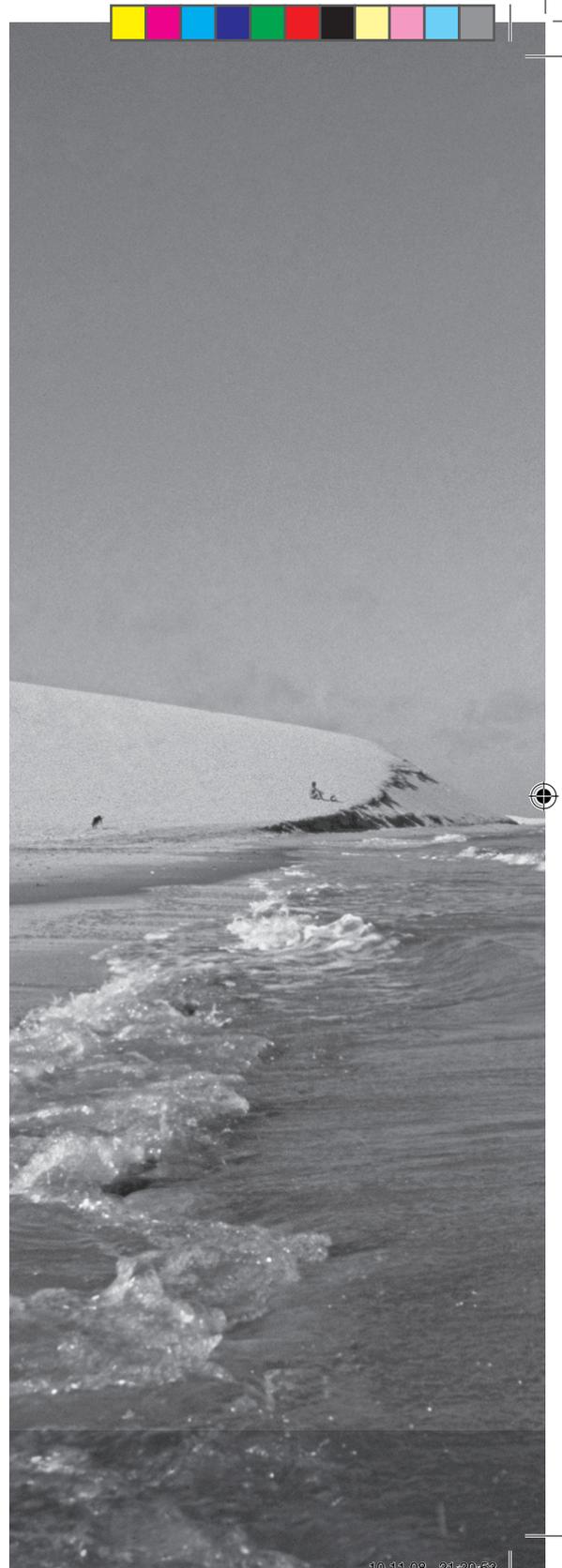
Teve o que se reportou ao



caldo de cana do Leão do Sul, os pastéis da sorveteria das lojas de Variedades, o pega pinto e o sanduíche cai duro do Mundico e o Sunday de ameixa da sorveteria Odeon, que concorria com a Primavera, do outro lado da praça. Houve um dos presentes falando até na braguilha com botões, hoje substituídos pelo lá vem mamãe, feche éclair, ou riri... tempo da cueca samba canção. Alguém lembrou a facilidade do trânsito, diferente de hoje em dia. A fiscalização feita pelos guardas da Inspetoria Estadual do Trânsito. Eles ficavam nos cruzamentos na Praça do Ferreira, em pé, num bloco de concreto sinalizando com os braços a direção preferencial e dispunham de longos punhos brancos para melhor visualização dos motoristas. O mesmo que falou sobre os sanduíches cai duro lembrou as bolachas Globo, da Padaria Palmeira, Avenida da Lisbonense e Cecy das Duas Nações, todas no centro da cidade. Tempo do atraente bico do pão sovado ou água.

Uma conversa amena, sem qualquer responsabilidade, mas que me deu e aos demais circunstantes alguns momentos de sadia lembrança desta cidade tão querida e que hoje em dia muito metida à metrópole já nos impede até de sair à noite pelo medo que temos dos assaltantes. Na época da nossa conversa o ladrão corria quando gritávamos “Pega o ladrão”. O mais perigoso era conhecido como Aranha Negra, apelido herdado da série de mesmo nome que passava no Majestic e no cine Centro, da Rua Tristão Gonçalves.

Mesmo assim com todas as vantagens, a inocência, a ingenuidade daquele tempo, os participantes da mesa redonda, unanimemente, preferiram mesmo os tempos atuais com o celular, o computador e outras conquistas da modernidade, que vocês todos conhecem...



## Memória

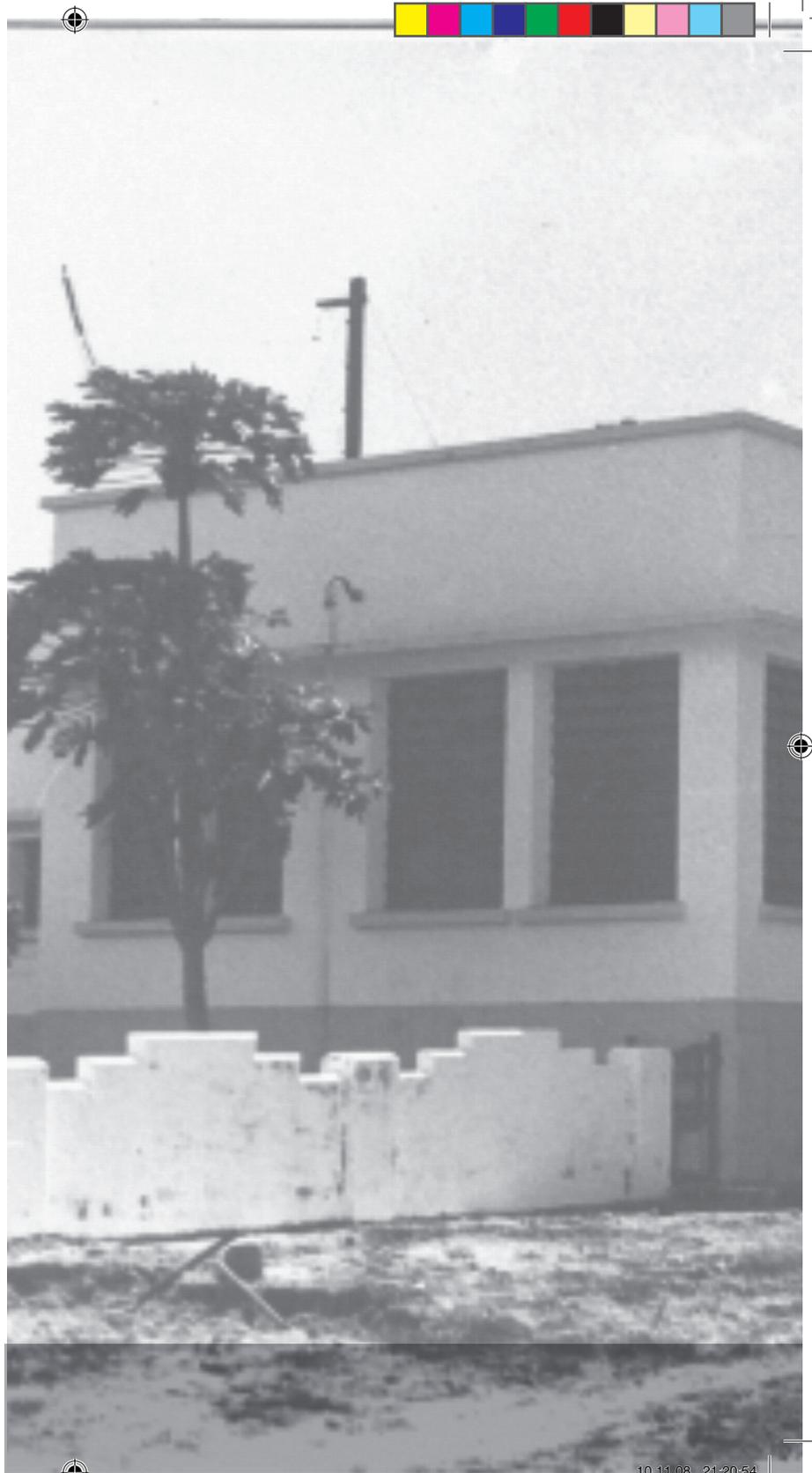
Sempre vamos lembrando do que acontecia, mas há fatos, acontecimentos, que ficam esquecidos. E nem aqueles que são obrigados a nos lembrar não cumprem a sua obrigação. A memória da cidade, por exemplo, quem se preocupa com ela? Os feitos dos cearenses, como a viagem dos heróicos jangadeiros de Fortaleza ao Rio de Janeiro, para pedir apoio ao presidente Getúlio Vargas, quem recorda? Eles tripulavam a jangada São Pedro. Os jangadeiros Jacaré, Tatá, Jerônimo e Manuel Pedro saíram de Fortaleza no dia 14 de setembro de 1941. A jangada navegou por muitas águas. A chegada ao Rio era prevista para o dia 10 de novembro, dia do Estado Novo, mas percalços da travessia adiaram para 15 de novembro, proclamação da República.

O livro “Nos labirintos da Cidade: Estado Novo e o Cotidiano das Classes Populares em Fortaleza”, de Erick Assis



de Araújo encontramos o relato da heróica viagem dos jangadeiros cearenses durante 61 dias pelo mar. Eles retornaram de avião e foram recepcionados no aeródromo do 6º Corpo de Base Aérea de Fortaleza. A imprensa deu completa cobertura e os jangadeiros foram aclamados por autoridades e o povo. O livro do escritor Erick Assis Araújo resgata essa história dos cearenses.

Falta agora uma história mais antiga, acontecida em 1923. Uma viagem à pé Fortaleza-São Paulo. Os escoteiros José Limaverde, Artur Batista Nepomuceno e Manuel Bastos de Oliveira, saíram de Fortaleza no dia 02 de dezembro de 1923, em frente ao prédio da Fênix Caixeiral. A aventura dos cearenses deu-se quando não havia estrada, quando o homem não se comunicava, quando as distâncias eram mais distantes. Ninguém preservou a história escrita por um dos raidmen “Oitocentas Léguas a pé”, edições Melhoramentos. O jornalista Wilson Ibiapina escreveu reportagem sobre essa viagem no Diário do Nordeste, no dia 13 de julho de 1986. Limaverde, meu pai, escreveu a saga dos escoteiros, mas os originais continuam aguardando a publicação. Há alguns anos havia documentação sobre essa viagem no Museu Histórico... Desapareceu como por encanto...





## Rádio

João Dummar, um empresário idealista e empreendedor acreditou no rádio e presenteou à cidade a Ceará Rádio Clube, a Pre9, no dia 30 de maio de 1924, há, portanto, 84 anos. Eu sempre digo que foi João Dummar que inventou a nossa profissão. Devemos a ele o nosso meio de vida, embora ultimamente as coisas estejam ficando mais difíceis, o que não acontecia até quando ingressei na profissão. A Ceará Rádio Clube foi, sem dúvida, a precursora de fato e de direito de tudo que vem acontecendo na área das comunicações, incluindo a chegada das emissoras de televisão, a começar da TV Ceará, a pioneira, implantada por ela.

Todos os grandes acontecimentos em todas as áreas foram divulgados e impulsionados pela velha PRE-9. E não esquecia o lado humanitário com as campanhas pela Santa Casa, pelo Orós, pela Igreja do Coração de Jesus, o Natal e São João dos



Lázarus. Os mais antigos devem recordar: Paulo Cabral, hoje morando em Brasília; meu pai José Limaverde, o homem da Hora da Saudade; Cabral de Araújo, com sua hora do calouro e as reportagens esportivas; Eduardo Campos, escritor, locutor e produtor de rádio, os três últimos já falecidos.

Cheguei alguns anos depois e convivi com os nomes mais expressivos do rádio cearense. João Ramos, Mozart Marinho, Adereson Braz, Neide Maia, Cândido Colares, Maurício Carvalho, Antônio de Almeida, Edson Martins, Hermano Justa, Wilson Machado, já falecidos. A emissora fazia um rádio de alta qualidade com noticiários, programas montados de auditório, reportagens esportivas e o grande sucesso da época, as novelas dirigidas por João Ramos. Hoje bem cedo estava ouvindo Almino Menezes na Rádio Clube, como chamam agora, lembrando esta grande data. Daqui a pouco certamente Augusto Borges, com quem comecei, deverá também fazer o registro, ele que faz programa produzido por Carla Peixoto, também dos chamados anos dourados do rádio.

A Ceará Rádio Clube pode ser chamada de Universidade do Rádio. É difícil encontrar algum nome de expressão da profissão que não tenha começado por lá. No registro a lembrança de Wilson Machado e Manuelito Eduardo (Eduardo Campos), falecidos. Os dois faziam um rádio sério, honesto, leal, aquele rádio que gosto de dizer, que a família pode ouvir. Sigo o exemplo deles e de todos os que idealizaram como João Dummar e continuaram a velha Pre9, do doutor Manuelito.



## Fujita

Nos cem anos da imigração japonesa Fortaleza vai ganhar um novo Jardim Japonês. Este ficará na Avenida Beira-mar, perto da Praça dos Estressados, diferente do mais antigo que ficava na Rua Juvenal Galeno, que denominava o início da Avenida Bezerra de Menezes, antes de chegar na Igreja de Nossa Senhoras das Dores. O jardim pertencia à família Fujita. O chefe da família era japonês, mas sua mulher era cearense, assim como os seus filhos, incluindo Edmar e Chico, já falecidos e o capitão João Fujita, que dirige importante construtora de prédios em nossa cidade. Há outros, mas esses foram os que conheci e conheço de perto.

Os Fujita mantinham esse jardim vendendo flores as mais variadas e tinham uma grande freguesia, não somente das famílias das imediações como igualmente de bairros mais distantes. O jardim era referência na cidade e decorava casamentos, batizados e estava presente nos enterros dos nomes mais importantes de Fortaleza, com coroas artisticamente armadas.

A família sobreviveu a um quebra-quebra que aconteceu durante a Segunda Grande Guerra. Como se sabe o chamado eixo reunia Alemanha, Itália e Japão e, assim sendo, os japoneses eram considerados “nossos inimigos”,

mormente depois que foram afundados navios brasileiros, o que, naquele tempo, atribuiu-se aos alemães e seus aliados. O quebra-quebra aconteceu na Praça do Ferreira com a depredação de lojas pertencentes aos chamados “súditos do eixo”, como diziam.

A loja Pernambucana, pertencente a alemães foi incendiada. A sapataria Veneza, de italianos, foi destruída. O Bazar Alemão, por causa do nome, foi depredado. Foi uma tarde terrível. Dizem que muitos participantes do vandalismo enriqueceram. Não satisfeitos eles vieram até Otávio Bonfim, invadiram o Jardim Japonês, colocaram móveis e utensílios da casa numa cacimba e desfilaram em direção ao centro da cidade rasgando os livros de medicina, do futuro médico hoje falecido, Edmar Fujita.

O Jardim Japonês, na Beira-mar certamente vai resgatar a memória de uma família que somente bem fez à nossa cidade. Os herdeiros do Jardim Japonês do Otávio Bonfim souberam dignificar a tradição dos Fujita. São e foram nomes importantes em nossa sociedade. E pelo que eu sei o jardim vai ficar bem próximo ao apartamento do Capitão Fujita, um motivo a mais para ele recordar seus pais e a saga de sua família.



## Jornalismo

Pedro Rafael, estudante da Unifor, aluno da professora Elizabete Jaguaribe, da cadeira de Introdução ao Jornalismo da Unifor pede que fale sobre a Rádio Dragão do Mar, tema do trabalho que coube a ele e colegas sobre a História do Jornalismo no Ceará. De vez em quando, sou solicitado por jovens estudantes para falar desta minha profissão. O Pedro certamente foi atendido e contei alguns lances de minha vida na rádio quando passei pela Dragão do Mar, sem dúvida uma emissora de relevo em nosso Estado pelas lutas populares que empreendeu.

Disse a eles que a Dragão foi implantada pelo PSD ( Partido Social Democrata), uma espécie de PSDB daquele tempo. Contei os movimentos populares sindicalistas de Fortaleza que sempre tiveram o apoio da emissora, comandada na época por Moisés Pimentel, Blanchard Girão e Aécio de Borba. Os movimentos grevistas, tendo à frente o bancário e grande orador José de Moura Beleza, sempre começavam, continuavam e terminavam na porta da Dragão do Mar, na Avenida do Imperador. E não poderia deixar de citar as campanhas do Orós e pelo bandido Caryl Chesman, sempre lideradas pelo grande radialista Peixoto de Alencar.

Naquela época a emissora tinha um completo elenco de locutores, narradores, radioatores e radioatrizes. Sua programação era eclética. A Dragão do Mar, revelei para o jovem estudante que me entrevistava, mantinha posições valentes, incluindo em abril de 1964, quando ficou ao lado do presidente João Goulart, que foi deposto pelos militares. Essa luta da emissora valeu seu fechamento. Isso aconteceu quando chegou à Avenida do Imperador uma patrulha do Exército prendendo os que se encontravam trabalhando no estúdio, ao mesmo tempo em que providenciaram o lacramento dos transmissores. O detalhe que não deixei escapar é que durante o tempo em que a emissora esteve fora do ar seu proprietário Moisés Pimentel honrou todos os compromissos financeiros da Dragão, inclusive pagando os funcionários em dia.

Fico sempre feliz quando narro esses episódios importantes vividos ao longo de minha profissão, principalmente quando os ouvintes são jovens estudantes como o Pedro Rafael e seus colegas da Unifor. Ele e muitos outros não viveram a época e não sabem como foi difícil a vida de jornalistas e radialistas no período da ditadura.





## Pangaio

“Dando o pira” e “virando o pangaio” eram expressões muito usadas quando a gente desejava cair fora daquele local. Um dos companheiros poderia até dizer: “Que cabra frouxo...” Mas o convite era logo aceito porque pelo que se sentia ia “virar o pangaio”, ou seja, poderiam acontecer desordens no local. Não éramos de briga, sempre apreciamos a paz. É certo que naquela “linha” que tirávamos na calçada do Ginásio Sete de Setembro, do doutor Edílson Brasil Soárez, aconteciam muitas discussões com citações grosseiras contra as mães dos craques.

Quando jogávamos gol a gol, envolvendo somente dois, os choques eram menores, e, em determinados momentos, nem aconteciam. Naquelas peijas eram disputadas taças *sui generis*. Por exemplo, pastel de carne de pombo da casa do Djalma Barros. Esse pastel de pombo fazia tanto sucesso que passou de amador a profissional, quando o casal Dona Anita/Seu Barros resolveu instalar a Pastelaria Yankee. Ela foi inaugurada na Festa da Mocidade, na Praça do Liceu e o êxito foi tamanho que, terminada a quermesse, passou a funcionar na Liberato Barroso nos baixos do Astória Hotel. No jogo na calçada destaque para o Djalma Santos Barros, na ponta direita e Vilmar Moreira, na esquerda, este rapaz rico, morador de uma das melhores casas da rua, uma verdadeira mansão. Eu era gol quíper e tainhava nos pés dos atacantes e tirava a bola de meia com boina e tudo, da cabeça do Caíto, Carlos Augusto Silveira, center-forard do time adversário.

Outros craques Alci Batista, o Valdir Silveira e os irmãos Ademar e Adonias, hábeis dribladores. Os dois não jogavam na calçada. Pertenciam ao time Siderúrgica, fundado pelo Almir do Pedro Américo. Esse time foi jogar no campo do Colégio Cearense, uma





peleja importante valendo pontos. O Almir era sempre o ponta direita, aquele que comprava a bola, o dono do time. Convidaram-me para ser meia direita. Em determinado momento fui advertido pelo técnico, um dos jogadores: “ O meia deve ir buscar jogo na defesa trazendo para a linha”. Pois eu fui e foi um desastre, fiz um gol contra. Graças a Deus Almir, bem gordinho, fez um gol de barriga e não perdemos a partida.

A vitória foi comemorada com refresco de murici assessorado por bolacha carteira. A equipe toda ficou empazinada com aquela alimentação esquisita. No entanto foi um empazinação feliz. Todos estavam acostumados com esses problemas intestinais. Era costume em todas as famílias de três em três meses realizar uma sessão de purgação com Óleo de Rícino. Quem nunca tomou uma garrafinha desse óleo que atire a primeira pedra.

Havia um ritual para se beber o tal remédio, ruim de gosto e de resultado constrangedor. Na minha casa meu pai dava o medicamento colocando na minha mão uma chave que, segundo ele, tirava o meu pensamento do gosto terrível daquele purgante. Terminada a sessão purgante o contemplado calçava umas meias, vestia o pijama e ficava aguardando as conseqüências. E de vez em quando alguém passava na porta perguntando: “Como é, já fez efeito?” E nem preciso dizer que no dia do purgante o purgado não ia para a aula. E se fosse corria o risco de passar vergonha na frente dos colegas tendo de voltar correndo para casa... Dar o pira e virar o pangaio eram expressões muito usadas no tempo em que Macaca, aquele jogo na calçada, não tinha se transformado em Amarelinha e Arraia não era Pipa. E isso tudo vem acontecendo pela influência da televisão e das rádios do sul.





## Ambulância

Na Fortaleza antiga era fácilmo você pedir uma ambulância da Assistência Municipal ligando para o 2222. Ela chegava em pouco tempo com sua sirene característica atraindo vizinhos e curiosos para a casa do enfermo.

Quando a multidão crescia mais era a hora de se dizer: “ Não morreu galego,não”. Atribuo essa frase à diferença que havia quando morria um galego. Eles não usavam mortalha, mas um lençol em volta do corpo. Isso fazia com que muitas pessoas fossem até o velório, não para chorar o morto, mas por curiosidade.

A cidade muito menor favorecia muito mais. Para se ter uma idéia até o nome do motorista da Assistência conhecíamos. Era o Penaforte, também agente de polícia e conhecido de todos.

Depois, com a chegada do INPS as cousas complicaram. Um dia presenciei uma briga no Hospital Geral. Um jovem chegou conduzido pela família. Tinha sido atropelado. Já estava na maca para o início do atendimento quando chegou um homem exigindo a carteira do INPS. Naturalmente que ele não estava com a carteira, obviamente não sabia que seria atropelado. Foi um sururu violento. Entrei na turma do “deixa disso” e consegui apaziguar os ânimos.

Muitas vidas foram salvas na Assistência Municipal, tempo do doutor José Frota, que hoje dá seu nome ao hospital que é referência em nosso estado, a ponto de atrair enfermos de todo o interior do Ceará e estados vizinhos. Ele é tão bom e até melhor do que os Planos de Saúde existentes por aqui.

Há momentos que o SUS, sucessor do INPS e INSS, atende muito melhor, sem muita exigência. Conheço detentor de um desses



planos que há mais de um mês espera uma autorização para uma cirurgia em sua mulher... Os donos do plano em São Paulo continuam estudando o laudo do médico de Fortaleza. Nem se preocupam com as dores da doente.

O amigo já recebeu até conselho para levar a paciente para o IJF. Mais paciente do que a mulher ele continua aguardando a resposta do seu Plano de Saúde, que ele paga religiosamente todos os meses e ainda participa das despesas quando há necessidade de atendimento.

É difícil a vida do pobre e principalmente do pobre metido a besta. Pensa que tendo um Plano de Saúde é atendido logo e isso nem acontece. Por incrível que pareça ele tem saudade do antigo INSS.





## Quermesses

Os shoppings de Fortaleza, incluindo o mais rico, o Igua-temi, parecem até com nossas antigas quermesses em Fortaleza. Elas eram promovidas em vários bairros, como São Gerardo, ao lado da Igreja, no Benfica, fechando a Avenida Visconde de Cauipe, hoje da Universidade, ao lado do Dispensário dos Pobres, no Mucuripe, recebendo o comando do vigário Padre Zenilson e uma outra, que conheci mais de perto, na Avenida do Imperador, a Semana Eucarística da Igreja de São Benedito, ou Santuário da Adoração Perpétua.

Antes das quermesses, a bênção, seguida de um movimentado leilão, concluindo tudo com as quermesses e as brigas dos partidos azul e encarnado.

É verdade que nos shoppings falta o leiloeiro gritando “Vou entregar”.

## Embarque

Claro que estava com receio de ficar durante muitas horas no aeroporto. Felizmente isso não ocorreu nem na ida, nem na volta, quando fui recentemente a São Paulo.

Mas as férias pela metade fizeram-me lembrar o tempo em que minha tia Lavínia foi ao Rio de Janeiro no navio do Loyde Brasileiro, numa viagem que durou 15 dias somente de ida. E para embarcar no vapor tinha de comparecer na Ponte Metálica, da Praia de Iracema.

Um embarque difícil no qual houve até casos de passageiros caindo no mar... mas isso foi há muito anos..

Depois foi o tempo das viagens aéreas, privativas dos que tinham mais posses.





## Ancião

Está chegando o dia do Ancião. Quem conheceu Fortaleza antiga pode se inscrever. É bom ser idoso e até da terceira idade, mas ancião não! Esse nome é muito pesado. Quando era novo, a gente debochava dos mais antigos convidando para um almoço no Dia do Ancião.

Acontecia naquele tempo que gostavam de negar a idade. Minha mãe, por exemplo: “Dona Leda, quantos anos a senhora tem?” Ela : “Mais de cinqüenta” Estava com 70. Vamos fazer o teste do idoso? Fique atento. Quem andou de bonde, freqüentou o Abrigo Central, tomou pega-pinto do Mundico e lembra que o caixa tinha um dedo a mais, merendou o pastel da Variedade atendido pelo Zequinha, saboreou o gosto Combinado Odeon, da sorveteria do mesmo nome, foi aluna do Lourenço Filho, São João, Ginásio Americano, estudou no Cearense, quando os irmãos rezavam o terço e tinham papo branco.

Assuma. Tem mais: É coroa mesmo quem assistiu futebol no velho Prado, na Gentilândia, onde hoje é a Fecet. Recorda que viu os bombeiros aguando o campo de barro antes da entrada dos times Tramway, Estrela do Mar, Penarol, Ceará, Fortaleza? Aplaudiu o Quinteto Jangada no Jangadeiro, do Luiz Frota Passos, na praça do Ferreira, alugou calção no La Conga, para o banho de mar e, no retorno, calçou os tamancos para o banho de água doce? Ah sim, vibrou com o balet de Sérgio Maia na Feira de Amostras e aplaudiu a Rayto de Sol, com Dom Pedrito, o rei do Bongô, na Festa da Imprensa, do Passeio Público?

Tem mais: viajou no ônibus Vovô, da Empresa Severino ou nos modernos Dodge, da São Jorge? Pode comemorar. No carnaval cantou “Você não é mais meu amor porque vive a chorar, pra seu

governo ...” ou “Nem o chope que bebi, conseguiu me libertar dessa mulher”. Frequentou o Maguari, tempo do porteiro seu Manuel e da canja do Henrique. Assuma, você é idoso. Pode fazer a matrícula na Universidade Sem Fronteiras dos professores Zilma Cavalcante e Antônio Mourão, comece a ler e seguir os ensinamentos do médico geriatra Antero Coelho Neto. Assuma que é idoso, mas não queira ser ancião. Este nome é dose!





## Morcegar

É proibido morcegar nos bondes. Era uma das proibições existentes nos bondes da Light, na Fortaleza antiga. A concessionária Ceará Light Tramways And Power, empresa inglesa explorava o transporte coletivo em Fortaleza com esses veículos. E numa época em que a energia fornecida pela Usina do Passeio Público, pertencente à mesma empresa, falhava com bastante assiduidade, era de se ver os bondes pararem de uma hora para outra debaixo das vaías de estudantes ou não.

Esse negócio de morcegar, palavra não existente no Aurélio, o conhecido pai dos burros era o agarrado dos namorados, presumo. E se alguém tenha outra definição que mande dizer. Os bondes tinham dois comandos. Quando chegava no final da linha era só virar a lança, um mastro que encostava no fio para transmitir energia elétrica ao sistema daquele transporte. Os condutores recebiam o pa-



gamento da viagem usando o estribo do lado de fora dos bancos. O dinheiro era trocado por um cupom, o qual para os colecionadores revertiam em benefício da Santa Casa de Misericórdia.

Outra preocupação para motorneiros, condutores, fiscais e inspetores era com os bochecheiros, assim chamados o que subiam no bonde e não pagavam passagem. Assim que eles viam o condutor se aproximando pulavam para um local mais distante até que desciam. Os bochecheiros mais conhecidos aconteciam próximos aos desvios. As linhas não eram duplas. Desta forma quando um veículo se aproximava era necessário que o que se encontrasse no desvio aguardasse a passagem do que vinha.

Outro local utilizado por eles era a Praça do Ferreira. Era costumeiro pegar o bonde na Farmácia Pasteur, vizinho ao Majestic e a Empresa Ribeiro, para saltar no outro lado na Rotisserie, sempre correndo dos fiscais da Light. Nas horas de maior presença de passageiros, abertura e fechamento do comércio, muitos ficavam no estribo, embora fosse proibido. Foi num bonde que um colega, estudante de civilidade do Colégio Cearense, ofereceu o lugar a uma senhorita. Ela não sentou imediatamente. Depois de certo tempo ele perguntou porque ela não sentava. E ela : “Estou esperando esfriar”. E ele: “Certo, pois enquanto esfria eu sento.” E não mais se levantou.



## Diogo

O Cine Diogo era ansiosamente aguardado por nós freqüentadores do Cine Centro, cinema que já falei aqui, com apenas um projetor e com um som não tão puro como anunciavam iria ter a nova sala de projeções da Empresa Ribeiro, quarteirão sucesso da Cidade. Era no tempo do arco voltaico, dois carvões colocados dentro do projetor. Quando eles se aproximavam emitiam uma luz fortíssima, garantindo a projeção do filme.

O Diogo foi inaugurado em 1948. Tinha todos os requintes da técnica moderna, projetor, som e até ar condicionado. Por sinal, houve alguma confusão com referência a esse sistema. É que na programação divulgada nos jornais apareciam em primeiro lugar “ar condicionado”. Um freqüentador desatualizado pensou que se tratasse de um filme a ser exibido e cobrou: “Quedê o ar condicionado? Não vai passar?” Foi no Diogo que passou “E o Vento Levou” com Clark Gable, Vivien Leight, dentre outros, com 3h45min de projeção.

Todos exageramos e levamos para a sala de projeção sanduíches, garapa de murici “ainda não havia refrigerantes”. Outros cinéfilos (com licença do Tarciso Tavares e Pedro Sinemeiro) ouviram na rádio que iam exibir Balalaika com Nelson Eddy e Ilona Massey. No fim, reclamaram pois entenderam “Bala lá e cá” e nada de tiros.

Um filme famoso inaugurou o Diogo: “Sempre em meu coração” em que a música homônima era o maior sucesso de uma orquestra de realejos ou gaitas como chamam hoje. Depois do Diogo o Cine São Luís, exigindo também paletó, inaugurado em 1958. Quem não tinha alugava na Cabana, lanchonete da esquina. Na inauguração, “Anastácia”, com Ingrid Bergamn. Hoje anuncia-se que o secretário de Cultura do Estado, Auto Filho, vai restaurar e reformar o São Luís, mantendo suas linhas originais. No edifício funcionará também a Secretaria de Cultura do Estado. A secretária adjunta, Delânia Azevedo, deu detalhes sobre o trabalho. E fico pensando caso o Auto fosse secretário na época, não teriam acabado com o Cine Diogo. É dor de cotovelo dos antigos.





## Saúde

A Casa de Saúde César Cals era, pelo menos para nós, a mais importante da cidade. Era nela que tinha na fachada uma imagem de São Francisco, não se sei se das Chagas, de Assis ou de Canindé. Sei mesmo que ele era milagroso curando os doentes não só da Casa de Saúde, mas aqueles que sentiam qualquer dor ou problema mais sério. E as moças também perseguiram os namorados com a ajuda do milagroso santo. E o encontro após as rezas e o acendimento de velas, acontecia na Praça da Lagoinha, aquela praça que já falei aqui onde aconteciam re-tretas às quartas-feiras e havia aquela separação. As mais pobres, chofer de fogão, domésticas, desfilavam pelo lado de fora, enquanto que o brotural usava a pista interna, passando defronte à fonte (hoje está na pracinha do BNB ou Justiça Federal) onde estátuas de mulher de top less encabulavam as meninas e insultavam os meninos.



Minha mãe não gostava muito da Casa de Saúde São Lucas que ficava no outro lado, já na Tristão Gonçalves, porque uma sua irmã, minha tia Lavinia, morreu lá, no tempo em que as mulheres faleciam de parto e que não sabiam se o filho ia ser homem ou mulher. Uma outra Casa de Saúde foi a São Raimundo, comandada pelo médico humanitário Pontes Neto. Era tão caridoso que, certo dia, ensinou a um paciente a fugir da São Raimundo sem pagar a despesa, pulando o muro. E ele era um dos proprietários do nosocômio (nosocômio é bom demais, não?).

Esse locais aconteciam mais quando jovem (faz muito tempo). Eu, por exemplo, a vez em que precisei de uma intervenção mais séria foi com o Dr. Ocelo Pinheiro, uma raspagem de adenóide na garganta, feita no próprio consultório do edifício Parente, 2º andar. De um certo tempo pra cá fiquei mais assíduo nos hospitais. Primeiro o nascimento dos filhos com a ajuda do doutor Chagas Oliveira, depois algumas cirurgias da mulher e uma minha que contou com um doutor de nome sugestivo: Doutor Francisco Sálvio Pinto. Pronuncie somente a parte final e saberá porque eu digo que o nome dele é salvador na minha cirurgia.

Para a visão conto com o doutor Aristófanês Canamary Ribeiro, filho do grande jurista Canamary Ribeiro. Esta semana falhei no meu horário por causa de doença. Tive de comparecer ao Monte Klinikum (dr. Hipólito) com minha mulher Helenira. E o doutor Eduardo Guedes resolveu tudo com muita competência.

O hospital é modelo em tudo, incluindo até um restaurante de categoria e onde os doentes são considerados hóspedes. Houve alguns obstáculos do Plano de Saúde Bradesco, felizmente superados, ao que tudo indica. Bom mesmo é ficar sem problemas. E Plano de Saúde é para quem tem saúde. Fique doente para você ver o que é bom pra tosse ou pro ombro?





## Barulho

O início do mês de setembro na Fortaleza antiga era de muito barulho nas ruas, com os estudantes treinando para a Parada do Dia 7 de Setembro, a data maior da Pátria e nunca, penso, comemorada como merece. E isso acontece principalmente agora. Na minha casa, da Imperador, eram também os preparativos para o aniversário da dona Ledinha, dona da casa. E como ela era festeira. Contratava a Francisca Morais, que morava no Montese para comandar os bolos e doces. Nós, os estudantes, já estávamos preparados para o desfile do dia da Raça, 6 de setembro.

No Colégio Cearense, Onélio, o piribol assim chamado por ser craque no espiribol, já comandava a banda com surdos e taróis, marchando pela Duque de Caxias. Todos aguardavam o grande dia com bastante ansiedade. E a idéia era realmente homenagear a Pátria que, graças ao Imperador Dom Pedro I, libertara-se do jugo dos portugueses. E nas aulas de história, do Irmão Oscar, a meninada falava com muita competência sobre o episódio do riacho Ipiranga: “Dom Pedro rasgava os laços com as cores da bandeira portuguesa, ergueu o chapéu e gritou: “Independência ou morte”“. E, acreditem, todos os alunos ficavam emocionados com lágrimas nos olhos.

No dia 7 bem cedo, já estávamos com a farda garance, túnica branca e calça azul ( a minha comprei por 50 mil reis ao Pontinha, cratense da gema ) e elegante quepi, que além de tornar o desfilante mais elegante protegia do sol. E a esperança era no retorno encontrar as alunas do Colégio Santa Cecília, da dona Almerinda Albuquerque, do Benfica. É que tradicionalmente servíamos de companhia aos brotos daquele colégio. Se fosse hoje diríamos fazíamos “delivery” das estudantes.





Na Fortaleza antiga civismo, amor à Pátria não era privilégio dos militares. Nós, os civis, estudantes ou não, fazíamos questão de vibrar com o Dia da Independência e até cantávamos o hino: “Já podeis da Pátria filhos ver contente a mãe gentil. Já raiou a liberdade no horizonte do Brasil”. Hoje, com tristeza, vejo no jornal O Estado que o desfile de amanhã não contará com 220 escolas, em virtude da ausência da AMC, para disciplinar o trânsito. Alegam não ter efetivo suficiente. E é apenas um detalhe, porque, parece-me somente os militares desfilarão. Quem já viu como os americanos, argentinos e franceses, os outros povos, finalmente, comemoram sua data maior, fica com inveja e até vergonha do nosso 7 de setembro, excetuando naturalmente, os militares.





## Casa

As mulheres da Fortaleza antiga eram essencialmente donas de casa, sem dúvida um grande trabalho. Elas comandavam tudo, a partir das empregadas domésticas e realizavam todas as compras, num tempo em que não havia geladeira, para conservar os alimentos perecíveis. Além do mais ninguém comprava para estocar. Meu pai, por exemplo, excelente marido, diariamente ia ao Mercado São Sebastião, quatro e meia da manhã, para fazer as compras do dia, incluindo feijão, arroz, macarrão, farinha e, como ficou dito, carne, peixe e galinha. Esta era comprada na porta da rua, dando um sopro no papo para ver se ela era gorda e espremendo o bico para constatar se estava com gogo.

No caso dos ovos a dona da casa acompanhada pela empregada levava uma bacia d'água. O ovo goro boiava, enquanto o novo afundava. Na parte financeira atuava o chefe de família. Isso fazia com que as mulheres pouco entendessem de finanças, de relacionamentos com bancos. Outro dia estava lembrando que minha mãe, quando meu pai faleceu, ela não sabia assinar um cheque, muito menos ir até ao banco e meu pai era bancário, além de radialista.

Por isso é que penso que as mulheres hoje em dia estão mais do que certas quando saem de casa para exercer atividades importantes no comércio, indústria e nas repartições públicas. E, na maioria das vezes ela ajuda no orçamento familiar, como acontece comigo.

E nesse comentário nasceu a partir de um tema apresentado pela produtora do programa Fátima Abreu: “Aumenta o número de mulheres que comandam suas famílias”. Hoje, em todo local encontramos mulheres competentes mandando na gente, se não bastassem em casa as esposas, aqui, por exemplo, temos a Silvia Goes, assessora do presidente Domingos Filho; a Fátima Abreu, diretora





da rádio FM Assembléia e produtora deste programa. E é bom não esquecer que, com o advento da Lei Seca, as mulheres estão assumindo a direção dos veículos da casa, pelo menos nos finais de semana. E dirigem com muito mais competência e tranqüilidade do que nós homens. Viva as mulheres, portanto.





## Costumes

Os costumes mudam à medida que o tempo vai passando. Outro dia lendo o *Lustosa da Costa*, no *Diário do Nordeste*, lembrei como eram os enterros na Fortaleza antiga. Nós meninos “véios” de calças curtas tomávamos conhecimento de todas as mortes acontecidas nas imediações. A curiosidade era saber se haveria transporte para os que quisessem comparecer ao cemitério. Na época, os enterros mais concorridos, de pessoas ricas, certamente contavam com alguns ônibus no final do cortejo, que era sempre precedido pelo automóvel conduzindo o padre, em caso do morto fosse católico.

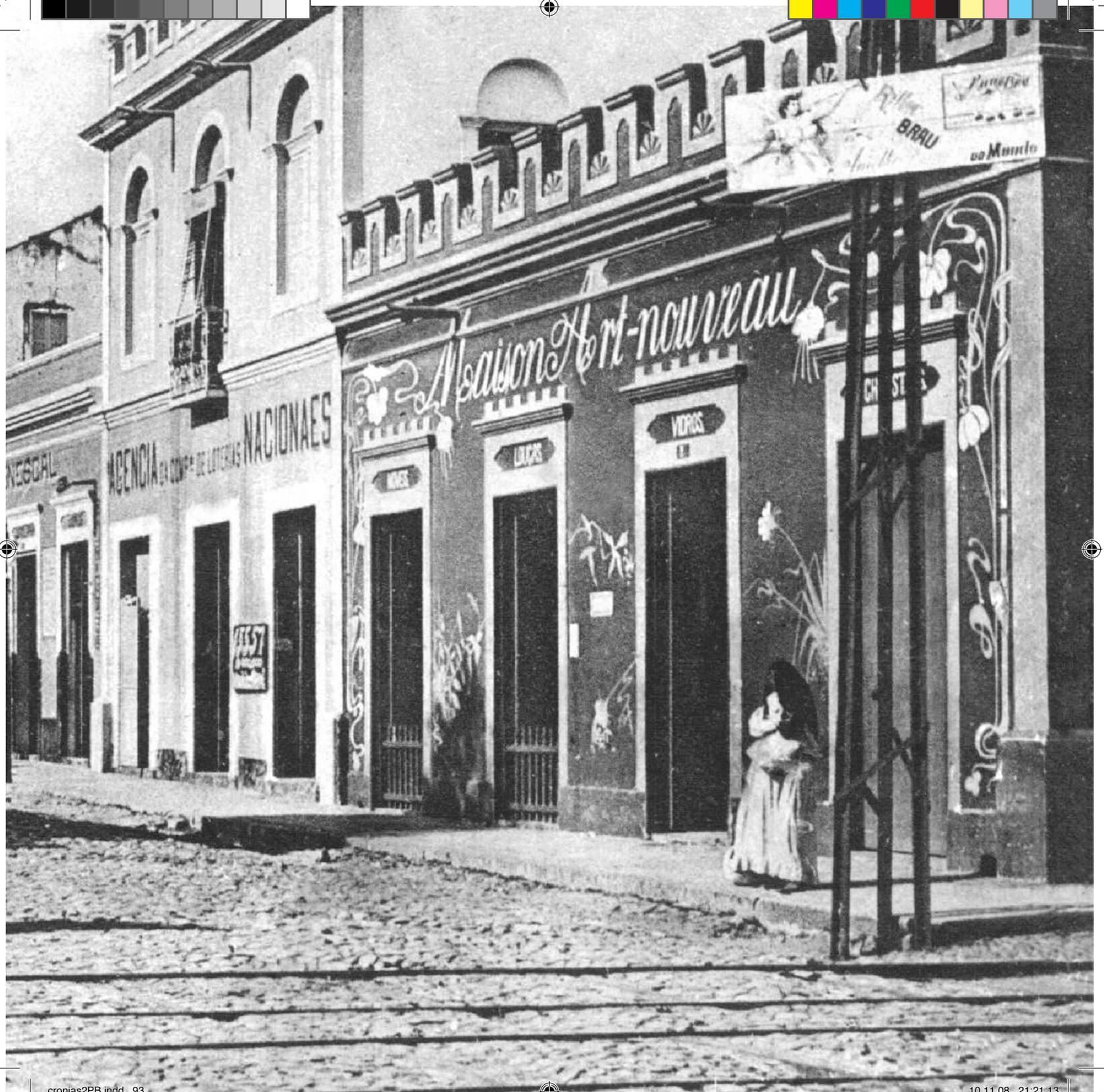
Preocupava a todos a situação da família, obrigada a cumprir luto fechado, preto total, desde a roupa interna. Aconteciam sessões de tingimentos de roupa, usando o famoso corante Guarani, enquanto que os parentes mais distantes usavam um pequeno pedaço de pano preto, conhecido como fumo, vendido nas lojas de tecidos. A partir da notícia da morte ninguém saía de casa até a missa de sétimo dia.

No dia do enterro media-se a importância do falecido ou falecida pelo número de carros e de ônibus. No cemitério São João Batista, ainda não havia o Parque da Paz, muito choro e até ameaça de ir até pra cova, o que era impedido pelo coveiro e outros da “turma do deixa disso”. Sete dias depois, rigorosamente, na igreja todos choravam, ficando a família até o final quando recebiam os pêsames dos que compareciam à missa. Depois do Parque da Paz tudo mudou. Não há túmulos, o que, de uma certa forma, limitou a tristeza que sempre acontecia em cerimônias fúnebres.

As casas funerárias fazem maquiagem nos defuntos, às vezes até modificando sua fisionomia, como já aconteceu com família que desconheceu seu ente querido. Os jornais recentemente falaram numa empresa especializada que oferece conforto e segurança às famílias









dos falecidos. “Coisas de primeiro mundo”, afirmam, referindo-se às salas de velório e à capela. Tem até auditório com telão, exibindo-se à história do morto ou morta. E, meu pai vivo ficaria admirado (ele exigiu ser sepultado no São João Batista). Na inauguração foi oferecido coquetel aos convidados especiais possivelmente futuros clientes. E mais ainda, transmissão para quem se interessar, de tudo que acontecer no local, via internet. Dá para se prever o desfile de modas que acontecerão nos futuros eventos, como já vem ocorrendo em outros locais semelhantes. Nada contra. Somente o registro e a comparação com Fortaleza antiga.





## Marinha

“Bota esse menino na Marinha”. Era assim que diziam e aconselhavam em relação aos meninos cheios de traquinações, malinações, aqueles que viviam “fazendo artes”. Marinha ou Santo Antonio do Buraco, que vivia próximo à Maracanaú, em Santo Antonio do Pitaguari. Assim era com os moleques. As mulheres danadas, faladas, eram internadas no Asilo do Bom Pastor, que ficava ali ao lado do Liceu, na Praça Fernandes Vieira, ou Gustavo Barroso, em Jacarecanga.

Nos casos mais graves, as famílias procuravam parentes no Rio de Janeiro e elas iam descarregar por lá o fruto do amor proibido (lindo, não?) Para a Marinha ou Aeronáutica era preciso fazer a escolha. O exército era obrigatório, como ainda hoje em dia. Com uma diferença. Hoje muitos querem servir ao Exército. É um emprego certo onde se aprende uma profissão e a trabalhar com dignidade, competência e honestidade. Mas, na minha época, encontrava-se um amigo militar mais influente e era conseguido em um Certificado Alistamento Militar a dispensa: “Apto Grupo A, dispensado por excesso de contingente”. O assunto é a propósito do dia de hoje. Hoje, 25 de agosto, é o dia do soldado. Dia de muita ordem unida nos quartéis e nas ruas, como acontecia na Fortaleza antiga. Mas já foi muito mais animado. A cidade toda vinha à Avenida Duque de Caxias, o patrono do Exército Brasileiro. Houve o juramento à bandeira pelos recrutas das tropas aqui aquarteladas, iniciando com a programação da 10ª Região Militar, iniciando-se tudo com a leitura da ordem do dia do general Otávio da Silva Paranhos, comandante da região, pelo capitão Flamarion Barreto.

Era no tempo das batalhas campais entre os alunos do Liceu e os cadetes da Escola Preparatória ou do Colégio Militar. Isso era esperado nos grandes dias como a parada da independência e este dia de hoje, dedicado ao soldado. Os freqüentadores da Lagoinha relembram todos esses eventos, com saudade, mesmo nas brigas.



O **Hino do Município de Fortaleza** tem letra de Gustavo Barroso e música de Antônio Gondim. Foi executado e cantado pela primeira vez no Teatro José de Alencar, na noite de 16.11.1957, na sessão em que a Academia Cearense de Letras encerrou a semana de “O Guarani”, quando falou como orador, Gustavo Barroso.





Junto à sombra dos muros do forte  
A pequena semente nasceu.  
Em redor, para a glória do Norte,  
A cidade sorrindo cresceu.  
No esplendor da manhã cristalina,  
Tens as bênçãos dos céus que são teus  
E das ondas que o sol ilumina  
As jangadas te dizem adeus.

Fortaleza! Fortaleza!  
Irmã do Sol e do mar,  
Fortaleza! Fortaleza!  
Sempre havemos de te amar



O emplumado e virente coqueiro  
Da alva luz do luar colhe a flor  
A Iracema lembrando o guerreiro,  
De sua alma de virgem senhor.  
Canta o mar nas areias ardentes  
Dos teus bravos eternas canções:  
Jangadeiros, caboclos valentes,  
Dos escravos partindo os grilhões.

Fortaleza! Fortaleza!  
Irmã do Sol e do mar,  
Fortaleza! Fortaleza!  
Sempre havemos de te amar

Ao calor do teu sol ofuscante,  
Os meninos se tornam viris,  
A velhice se mostra pujante,  
As mulheres formosas, gentis.  
Nesta terra de luz e de vida  
De estiagem por vezes hostil,  
Pela Mãe de Jesus protegida,  
Fortaleza és a Flor do Brasil.

Fortaleza! Fortaleza!  
Irmã do Sol e do mar,  
Fortaleza! Fortaleza!  
Sempre havemos de te amar

Onde quer que teus filhos estejam,  
Na pobreza ou riqueza sem par,  
Com amor e saudade desejam  
Ao teu seio o mais breve voltar.  
Porque o verde do mar que retrata  
O teu clima de eterno verão  
E o luar nas areias de prata  
Não se apagam no seu coração.

Fortaleza! Fortaleza!  
Irmã do Sol e do mar,  
Fortaleza! Fortaleza!  
Sempre havemos de te amar



O **Hino do Estado do Ceará** foi executado em público pela primeira vez no dia 31 de julho de 1903, no palacete da Assembléia Legislativa (hoje Museu do Ceará), por oitenta alunas da Escola Normal, com acompanhamento da Orquestra do Batalhão de Segurança e sob a direção do maestro Zacarias Gondim. A apresentação fazia parte das comemorações do terceiro centenário da chegada dos portugueses ao Ceará.

O Hino do Estado do Ceará tem letra de Thomaz Lopes e Música de Alberto Nepomuceno.

Desde 31 de julho de 2003 a execução do Hino do Estado do Ceará passou a ser obrigatória nas Escolas Públicas e nas solenidades do Governo do Estado obedecendo o Decreto nº 27.155, de 31 de julho de 2003.





Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que a tua glória conta!  
Terra, o teu nome a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
Nome que brilha - esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de pratas rolem das estrelas...  
E despertando, deslumbrada ao vê-las,  
Ressoe a voz dos ninhos...  
Há de florar nas rosas e nos cravos  
Rubros o sangue ardente dos escravos.



Seja o teu verbo a voz do coração,  
- Verbo de paz e amor do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão,  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada!  
Que importa que o teu barco seja um nada.  
Na vastidão do oceano,  
Se à proa vão heróis e marinheiros  
E vão no peito corações guerreiros?

Sim, nós te amamos, em aventuras de mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em meses, nos estios  
E bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras florestas  
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal!  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E desfraldando diga aos céus e aos mares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas  
E foi na paz, da cor das hóstias brancas.



O **Hino Nacional Brasileiro** tem letra de Joaquim Osório Duque Estrada (1870 - 1927) e música de Francisco Manuel da Silva (1795 - 1865). Foi oficializado pela Lei nº 5.700, de 1 de setembro de 1971, publicada no Diário Oficial (suplemento) de 2 de setembro de 1971.





Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.  
Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!  
Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!  
Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.  
Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza  
Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!  
Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.  
Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!  
Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta flâmula  
- Paz no futuro e glória no passado.  
Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.  
Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

